O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS — SABBADO 27 DE OUTUBRO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:738

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—QUESTÃO INTERNACIONAL.—28 DE OUTUBRO.—OS SALTEADORES DA HONRA.—A HISTORIA.—ACAREAÇÕES.—PROTESTO!—A QUEM COMPETE.—O CONSELHEIRO MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA.—INTOLERANCIA POLITICA.—COMMISSÃO DISTRICTAL.—NOTICIARIO.—PALACIO DA JUSTIÇA.—CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO CÓRGO.—NECROLOGIO.—SECÇÃO AGRICOLA: PLANTAÇÃO DAS VIDEIRAS, *por Francisco M. M. d'Oliveira.*—SECÇÃO LITTERARAI: UM FEIXE DE VERSOS, *por Antonio A. dos Santos Silva*; TREVAS E LUZ, *por Catulle Mendés*; UM PENDÃO REVOLUCIONARIO, *por F. J. Patricio*; O SOL DA MEIA NOITE, *por Eugenio de Castro*; A VISINHA, *por Eugenio de Castro.*—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CARTA DE LISBOA.

AVEIRO

QUESTAO INTERNACIONAL

Marrocos acaba de dar satisfação plena ás reclamações do governo portuguez. Nos mares de Larache, onde a nossa bandeira tinha sido insultada por conivencia da auctoridade policial do porto, vae haver o conveniente desagravo, salvando os fortes o pavilhão das quinas, reparando a injuria irrogada á nossa dignidade de nação livre. Para que obtivessemos a reparação devida foi necessario que Portugal demonstrasse que tinha bastante energia para obter pela força o que só por si o direito não poderia alcançar.

E essa energia teve a o governo, pelo que lhe cabem os aplausos da nação que representa. Dês que as questões internacionaes se decidem a tiros de canhão, as demonstrações de Portugal em frente de Marrocos foram bastante para determinar o sultão a dar-nos as devidas satisfações.

Não embocamos a tuba epica para engrandecer os feitos da diplomacia portugueza, ou para inaltecer com louvores o procedimento do governo. Este cumpriu honradamente o seu dever. Nada mais e nada menos. E foi por isso que nós aqui lembramos a conveniencia de não lhe tolher a liberdade de acção, não precipitando os acontecimentos, porque ás vezes as impaciencias prejudicam os negocios mais sérios, sendo origem de graves transtornos na vida das nações.

Exultamos por tanto pelo resultado da questão internacional, que Portugal não provocou, e que foi resolvida conveniente e opportunamente, se attendermos a que com a Allemanha, com a França e com os Estados Unidos, com quem havia analogas pendencias, Marrocos não procedeu mais depressa nem mais correctamente.

Por amor do paiz congratulamo-nos com o desfecho da questão, que foi honroso para nós, collocando bem alta a dignidade da nossa bandeira.

28 DE OUTUBRO

Faz ámanhã um anno, que esta cidade se vestiu de gala para receber condignamente a honrosa visita da augusta familia real.

As saudosas recordações d'esse dia memoravel nos fastos da historia aveirense, ainda se não acabaram entre nós e no regio sólo sabemos tambem que são perduraveis, tal foi o effeito magico do passeio fluvial, os attractivos do nosso esplendido panorama terrestre e maritimo, e a animação do povo em acclamar com enthusiasmo os reaes viajantes, que tão gratos se mostravam a todas as manifestações de que eram alvo.

Aveiro exultou de prazer ao contemplar, pela segunda vez, os representantes da actual e gloriosa dynastia portugueza, e se foi notavel a acolhida que fez á sr.ª D. Maria II, não menos brilhante foi a que destinou a seu excelso filho o sr. D. Luiz, e sua virtuosa esposa e filhos, como prova de gratidão, e como preito á monarchia.

Registâmos, pois, com jubilo esta data festival.

OS SALTEADORES DA HONRA

Na *Democracia* foram publicadas umas cartas dos srs. F. Christo, Pereira e F. Regalla. Parece pela leitura rapida que d'ellas fizemos, que o primeiro se propoz desafiar o auctor de um artigo do *Campeão* de 10 do corrente, e que os segundos declinaram a incumbencia, em consequencia «das affrontas que a imprensa local ultimamente tem dirigido a dois dos seus redactores, sem que elles tenham procurado desagravar-se, e que um dos signatarios os provocara publicamente, sem que lhe pedissem a responsabilidade do facto.»

Vamos primeiro ao fim, com o proposito de terminar pelo principio.

Sabem todos que não lemos os jornaes da localidade depois que elles invadiram os dominios da vida particular, mentindo e calumniando a todos, sem respeito a posição, a idade, nem a sexo. Desde o momento em que os chamados orgãos da imprensa descem á lama, quem tiver dignidade deve affastar-se do seu contacto.

Depois que tão nojentos como criminosos jornaes, chamados a juizo, declinaram em terceiros a responsabilidade das injurias, e estes ultimos, estranhos á terra, teem duas moradas para não serem citados; desde que o escrevinhador dos libellos famosos se escondeu traiçoeiramente, a fim de escapar á acção da justiça, taes publicações não teem imputação, porque os primeiros a tirar-lhes a auctoridade e a renegal-as são os seus proprios auctores. E para a imprensa clandestina e infame só póde haver o desprezo. Por tanto não a lemos, nem leremos, reservando-nos o direito de a relaxarmos ao poder judicial quando apareça alguem que tome a sério a responsabilidade dos alcives, deixando de se fazer substituir por gente alugada.

Do que elles dizem ou teem dito, só conhecemos pelos extractos inseridos nas folhas estranhas á terra. N'este proposito nos manteremos até que os devassos mudem de habitos, e respeitem o que ha de respeitavel e digno na vida publica e no sanctuario da familia.

Lemos é verdade uma carta do sr. Regalla inserida na *Provincia*. Referia-se n'ella a cousas d'Aveiro, e dizia que o *Campeão*, ou um de dois de seus redactores, «mentia» em dois pontos essenciaes do processo da eleição de 19 de setembro, a saber:—quanto ás listas arremessadas dentro da urna quasi ao terminar o escrutinio, o que o mesmo sr. attribuia ao sr. Miguel Ferreira; e quanto a ter Marques Gomes rasgado os cadernos eleitoraes, a quem na alludida carta se encampava a responsabilidade do estranho caso.

Nós objectamos-lhe aqui em fraze comedida, e com a maior serenidade de animo, «que o sr. F. Regalla *tinha faltado á verdade historica*, porque nem Miguel Ferreira praticára semelhante facto, visto que tinham apparecido dobradas no sitio da meza apenas as quatro derradeiras listas que a colligação com os seus disturbios obstou a que fossem escrutinadas; nem Marques Gomes rasgára os cadernos, por isso que elles se achavam intactos e apensos ao processo instaurado no poder judicial.»

Se a carta do sr. Regalla foi uma provocação, sentimos que o nosso desmentido não lhe tivesse feito comprehender que a vantagem estava do nosso lado, por quanto, restabelecendo nós os factos, ficou provado que era o correspondente que tinha claudicado, não nos constando que destruisse alguma das duas proposições que estabelecemos. E isto é tão positivo que consta do processo instaurado n'esta comarca.

Agora quanto ao principio. O *Campeão* referiu-se no seu n.º de 10 do corrente ao auctor de uma celebre pasquinada que por vergonha d'Aveiro ahi se publica. São do sr. F. Christo os libellos em que se offendem a moral publica, a honra das familias, o credito das instituições representativas, a religião christã, o clero, e o proprio Deus; finalmente tudo quanto ha ainda bom e digno n'este mundo? Se são, porque não aparece a tomar a responsabilidade do que ali se publica, authenticando com o seu nome os seus trabalhos, mostrando assim que, embora erre, tem a attenuar-lhe a falta a força da convicção? Se não são, para que falla em obter de nós as reparações indispensaveis? Pois para os tribunaes ha um responsavel, embora estranho á localidade e ás cousas d'Aveiro; e para a satisfação pessoal fóra da legalidade surge-nos o sr. F. Christo, tenente de caçadores 2? Não póde ser. E' preciso ser coherente em tudo. D'outro modo arrisca-se a soffrer grandes desillusões.

Resta-nos concluir:

O sr. conselheiro Manuel Firmino póde ter defeitos como homem; mas como á imprensa só cabe a apreciação dos actos da vida publica, cumpre-nos declarar que s. ex.ª como magistrado administrativo procedeu sempre correctamente. Nem o contrario podem asseverar os seus adversarios politicos.

Quanto a um dos redactores do *Campeão* diremos apenas que em 1843 frequentava elle em Lisboa a aula de instrução primaria, e que de 1854 para cá, depois que milita na imprensa, nunca alugou a penna, escrevendo sempre gratuitamente. Não defendeu a regeneração, nem Rodrigo da Fonseca, e por tanto o correspondente da *Democracia* enganou-se na porta, fantasiando circumstancias para tirar conclusões avessas á verdade dos factos.

Por ultimo temos a dizer que applique o mesmo correspondente o chicote e os brios ao auctor ou auctores das crapulosas e infames locubrações publicadas na folha dita republicana d'esta cidade, cuja camaradagem não honra ninguem e lhe conspurca a farda. Ensine-os a discutir, evitando que a onda da diffamação suba a ponto de cobrir os que professam os principios da verdadeira democracia, que não se coadunam com o doesto e com a calumnia de gente vil e refece, que é a scoria da sociedade. Emprehenda pois esta crusada, redimindo assim o peccado de ter dado força aos devassos, cujo vozear descomposto é já por si uma affronta vergonhosa á ordem e á liberdade.

E depois convença-se de uma vez para sempre, que não é com chicotes nem com scenas de pugilato que se evidenceia o brio de cada um. Se fosse este o meio de o provar, ninguem mais azado que os da companhia braçal de qualquer alfandega. Bastaria ter pulso rijo e movimentos rapidos. E' a falsa orientação que transporta para a arena alcidica questões que só pódem ser dirimidas no tribunal da reflexão e da dignidade.

O jornal que conscientemente diffama e calumnia, o escriptor que por aberração moral injuria e offende, o que ataca a sociedade na familia, o que se revoluciona contra Deus, cobrindo de baldões o sacerdocio, o que abusa da liberdade de escrever, violando as instituições que são a salvaguarda de todos os direitos e de todas as garantias do cidadão—esse homem ou esse jornal está fóra da lei, e quem procurar defendel-o fica, *ipso facto*, fóra da lei.

E' preciso que a imprensa moralise, em vez de ser motor da perversão dos costumes publicos. E' necessario que se ponha um dique á corrente de torpezas, que estão fazendo de uma parte da imprensa portugueza elemento de perturbação e desordem na sociedade e na familia.

A HISTORIA

Na *Democracia* foi publicada a seguinte:

«Certefico (vae na orthographia do original) que no libro dos assentos e sahidas incontrei o nome de Joaquim Chia o mudo d'Ovar que entrou por ordem do exm.º sr. governador civil Manuel Firmino d'Almeida Maia o qual deu entrada no dia 14 de dezembro de 1887 i sahio por ordem do mesmo em 19 d'agosto de 1888. Aveiro 21 de outubro. O carcereiro—*Antonio José de Carvalho.*»

O Chia tinha sido condemnado por o poder judicial como vadio, como já aqui dissemos, e posto por ordem do respectivo juiz á disposição do governo, nos termos da nossa legislação criminal.

A auctoridade superior do districto procurou arranjar-lhe trabalho. Tratou de o collocar nas obras da barra, onde o não quizeram admittir, e como aquelle desgraçado não tinha que comer, alimentava-se da *santa*, vivendo na cadeia até que se lhe facultaram meios de subsistencia nas obras camararias. Depois foi para uma das companhas de S. Jacintho, onde presta serviços que lhe são remunerados na rasão de 240 reis por dia.

Em quanto esteve na cadeia não consta que Joaquim Chia representasse para sahir, e como a auctoridade administrativa era a responsavel pela sua pessoa e pelo seu procedimento ulterior á condemnação, só podia cumprir a determinação da lei exercendo sobre elle a indispensavel vigilancia. E' certo que não tinha á sua disposição os meios necessarios, e que não o querendo admittir a circumscripção hydraulica, onde podia ser mais facilmente vigiado, não havia que dar-lhe a fazer, não podendo todavia consentir-se que morresse á fome ou andasse esmolando pelas ruas.

E logo que houve trabalho occuparam-no, e taes provas deu de sizo, que até foi para o serviço particular, com sufficiente remuneração. E o melhor do caso é que se apresenta tão satisfeito, que quando lhe fallam de Ovar, esconjura os que lhe trazem á memoria factos da sua vida passada.

Ahi está pois explicada a historia do Chia, com todas as circumstancias agravantes e attenuantes. A postiça indignação do que assigna o communicado da *Democracia* dá-nos todavia o ensejo de perguntar-lhe, se o que calumnia e diffama tudo e a todos, deve tambem ficar impune, por se agachar atraz dos Analides inconscientes que brotam como os cogumellos por esse mundo de Christo?

ACARIAÇÕES

Vejam até onde chega a demencia dos Analides. Ouçam e pasmem:

«Não devemos separar o sr. ministro da guerra das feias cousas d'Aveiro, para as quaes s. ex.ª já contribuiu com a transferencia de um official, e com a recusa da inactividade temporaria pedida por outro, *no intuito de, livremente, castigar ousadias que haviam ferido os seus brios de militar e de homem.*»

Um tenente de caçadores 2 pediu para temporariamente deixar de ser militar a fim de castigar ousadias que haviam beliscado os seus brios de militar! Não percebemos. «Era e não era no tempo da era». Se como militar pretendia infligir castigo a alguem, para que tratava de perder temporariamente essa qualidade? E depois onde estava a offensa? Nas referencias que fizemos aos Analides que assumiram a responsabilidade das injurias mais grosseiras e das calumnias mais atrozes com que ahi se tem conspurcado a imprensa?

Sempre ha ousadias... que fazem pasmar a gente. Por amor da disciplina o tenente de caçadores 2 insulta o ministro da guerra. E admiram-se que a soldadesca bronca se insubordine em questões de rancho.

PROTESTO!

Que os jornaes republicanos insultem a familia real e as instituições: cumprem o seu programma, pouco importa; mas que a imprensa monarchica, e principalmente alguns diarios, que se dizem progressistas, estejam constante e teimosamente a fazer côro com os propagandistas demagogos é que não póde, é que não deve ser.

Contra isto protestamos energicamente, porque é preciso que se estremem os campos. O chefe do estado, a sua familia, o governo, e as leis que felizmente nos regem, devem ser acatadas, e devem estar ao abrigo dos insultos dos desvairados, que proclamam as ideias mais subversivas contra o throno, contra a sociedade, contra a moral, e contra a religião!

Que os apostolos ferverosos da anarchia se levantem contra a ordem estabelecida, é para lamentar; mas é consequencia da brandura dos nossos costumes em não reagir contra a onda impetuosa da *idêa nova*, oppondo-lhe resistencia tenaz, não consentindo as suas expansões ultra-democraticas e a sua propaganda descarada e factal.

Portanto os que pensarem como esses folicularios vilões, que tudo insultam, e que nada respeitam, que abandonem os arraiaes onde se defende com ardor, DEUS, Rei e Patria—a familia real, a monarchia constitucional, a carta e mais leis vigentes; a moral, a religião catholica, a ordem, e emfim a terra portugueza!

E que os homens de boa fé e boa vontade nos acompanhem n'esta sancta crusada, importa a todos.

A QUEM COMPETE

O governo, no seu desejo de beneficiar Aveiro, determinou que se fizesse a obra do caes de S. Roque—para se realisar a qual podia muito bem ter se dispensado a tapagem do esteiro. Mas tapou-se e do facto proveio nada menos que a interrupção da entrada dos barcos de sardinha no mercado privativo d'ella, mercado que agora se faz no Rocio, ao longo do caes, com enorme transtorno do commercio d'aquelle genero—que é aqui importantissimo. A camara representou contra isso e conseguiu do rectissimo sr. Inspector do circulo, que se suspendesse por emquanto a obra ou que se fizesse de modo a não tolher a entrada dos barcos, no mercado privativo da sardinha.

Quando todos contavam com a abertura hoje—quando mesmo o sr. chefe de secção Monteiro se havia compromettido a fazer a abertura na manhã de hoje, recebemos a noticia de que ella se não fará, porque as informações recebidas pelo muito digno e sempre muito respeitavel Inspector, o determinaram a dar ordem em contrario!

Sabemos bem o que isto é. E' o sr. chefe de secção, que teve o mau gosto de se fazer politico em terra estranha, politico e desordeiro, a querer por este modo contrariar os esforços dos que só promovem o bem estar da sua terra.

Pede-se ao sr. Inspector que venha examinar por si o caso, e s. ex.ª verá que mais de 300 pessoas se estendem em trabalho por esse caes fóra, em trabalho penoso, transportando para ali o que commodamente tinham no mercado, tudo com agravamento de despesa e de incommodo sem nenhuma necessidade. E ali está exposta tanta gente ás intemperies do tempo, tirando a pesca do fundo do rio em maré baixa, n'uma altura grande, com um incommodo immenso em fim.

E isto succede agora. Quando chover, *como se poderá accommodar o trafego ali?!*

As inconveniencias são claras. Remedial-os convinha e era d'alta justiça.

Não se faz isso porque as informações do chefe da secção são contrarias—porque a sua *alta* competencia se oppõe a que o commercio frúa essa commodidade!

Note-se que para a realisação da obra não ha ainda no local os materiaes que para ella se precisam. E note-se mais, que havendo ali apenas, em trabalho, tres ou quatro operarios, não havia transtorno para estes, que podiam empregar-se no caes do Cojo—onde o serviço do encanamento não começou ainda—talvez por ser obra em que alguem se empenha.

Vae isto assim cá na *região* hydraulica da terra, onde, com excepções, que respeitamos, os chefes de secção são influentes politicos!

Para o que se passa no que respeita ao commercio de sardinha chamamos a attenção sr. Inspector do circulo, em cuja rectidão plenamente confiamos. Venha S. Ex.ª aqui. Ouça os interessados e terá feito justiça immediata, como importa que ella se faça, aos que estão soffrendo as consequencias de ruins paixões e de maus propositos. Mau caminho!

O CONSELHEIRO MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Do *Jornal do Povo* d'Oliveira de Azemeis, de 24 do corrente, é o seguinte artigo:

Continua á frente do districto, apezar da guerra infamissima que lhe moveu a gentalha desvairada da opposição colligada de Aveiro, de mãos dadas com a imprensa da jacobinagem avariada do paiz, e com a choldra dos scribas assalariados dos partidos oppostos.

O sr. Manuel Firmino, que é um dos principaes homens d'este districto, pelos relevantissimos e desinteressados serviços publicos, que em toda a sua vida lhe tem prestado; pelo extraordinario numero de sympathias de que gosa; pela arrojada e benemerita iniciativa em todos os grandes melhoramentos locaes, como attestam as muitas estradas e fontes do concelho, o jardim de Santo Antonio, a Malhada e o monumental quartel do principe D. Carlos; pela bonhomia e lhaneza com que acolhe toda a gente; pela facilidade enorme com que põe todo o seu prestimo politico e pessoal, e até os seus haveres ao serviço dos que lhe imploram protecção e trabalho; e pela generosidade e complacencia com que trata os mais ferozes dos seus adversarios, que na hora das provações se rojam humildes a seus pés, como succedeu quando foi da vinda do corpo militar para a capital do districto; que é adorado pelo povo com verdadeiro fanatismo, teve a sorte de todos os grandes vultos politicos: foi insultado pela canalha (que não pelo illustrado povo de Aveiro, que esse continua a idolatral-o da mesma maneira), por uns maltrapilhos assalariados pelo vinho dos devassos e dos burlões.

Na sua historia politica tem elle os mais assignalados triumphos; na sua historia administrativa, os mais alevantados e benemeritos emprehendimentos; e mesmo na vida particular actos da mais acrisolada abnegação e até heroismo, como attestam as mais honrosas condecorações que lhe ornam o peito.

Como se explica então essa campanha feroz de diatribes tremendas, e das mais vis calumnias?

Porque é que os falsos regeneradores, os foragidos constituintes, e os chatins dos republiqueiros,—amalgama putrida de nullidades chatas—o accommetteram agora raivosamente?

Porque tomaram a sua grandeza de alma por fraqueza, e como na fabula os miseros e lazarentos onagros começaram a escoucinhal-o... mas na sombra!

A hora, porém, da justiça chegou alfim. E a imprensa do districto, que se presa, e que não desce a atolar-se no lado em que chafurdam os seus contrarios, começa a reagir contra essa onda de lama, em que pretendem affogar os caracteres dos homens mais prestantes do nosso portido.

Mas nós cá estamos na estacada para os defender dos arremessos *quichotescos* d'esses *Joões ninguens* de todas as castas e feitios.

Hurrah pelo partido progressista de Aveiro!

INTOLERANCIA POLITICA

E' do *Correio da Noite* o seguinte artigo:

Os ultimos acontecimentos d'Aveiro ainda agora estão alimentando na imprensa da opposição o fogo sagrado da invectiva e do doesto contra a incorregivel tyrania do mais tyrano dos governos, que pelos modos attentou gravemente contra a liberdade porque transferiu dois funccionarios amoviveis que tinham trabalhado em eleições.

Ainda hontem a *Gazeta de Portugal*, referindo-se a esses acontecimentos e a essas transferencias, glosava a conhecida phrase do velho conde de Abranches: — «Fartar, fartar, vilanagem!»

A vilanagem comprehende o governo e os seus amigos, aquelles que não quizeram deixar-se roubar na eleição de Aveiro, e aquelles que não consentiram, pelo decoro do poder que exercem e pelo respeito devido ás leis e á liberdade, que os funccionarios do estado se involvessem impunemente em actos attentarios d'essas mesmas leis e d'essa mesma liberdade.

Os vilões são estes. E que nome se ha de dar a quem se aproveita do prestigio, da influencia, do valimento que lhes proporciona a posição e o cargo para promover a alteração da ordem publica, para reagir contra as ordens terminantes do governo que recommendava a severa repressão de qualquer ataque á liberdade do suffragio, que abandonavam os seus logares antes e depois da eleição para galopinar nas ruas e nas praças publicas de braço dado com os desordeiros e os discolos?

Esses provavelmente são os benemeritos, os martyres e confessores dos principios liberaes, ao passo que o governo e os seus amigos se confundem com aquella obscura villanagem de cuja rapacidade nos fala o velho conde de Avranches.

E é por sermos *perseguistas* e vilões—accrescenta a *Gazeta de Portugal*—que os diversos ministerios progressistas não logram conservar-se no poder, ao passo que a tolerancia politica das situações regeneradoras lhes tem garantido largos periodos de governo.

Ora vejam como se escreve a historia, e como a paixão partidaria transtorna o entendimento dos homens. Com que então a tolerancia politica é uma das glorias da administração regeneradora e é positivamente n'essa gloria que reside o segredo da longa vida das situações regeneradoras! Pois francamente, não tinhamos dado por tal. Imaginavamos até que o velho partido de Fontes se mantinha largos annos no poder pela natural habilidade do chefe, muitas vezes pelo terror e quasi sempre pela corrupção.

Quando os fundos politicos desciam, inventava-se uma pavorosa e a situação mantinha-se. Se o descontentamento lavrava no exercito, fazia-se uma reforma em dictadura, decretavam-se promoções, e o governo sustentava-se. Se os dissidentes rosnavam, fazia-se uma fornada de pares para os mais graudos, augmentava-se o quadro das repartições para os mais famintos, e recompunha-se o ministerio tres vezes por anno, de forma que toda a rapaziada fina podesse saborear, por turnos, a gloria de uma farda agaloada e de um correio á estribeira.

Se apparecia na imprensa ou no parlamento um adversario formidavel, o chefe escrevia uma carta ou perguntava no seio da representação nacional:—*o que quer elle?*

E atrevem-se ainda a fallar-nos em tolerancia, aquelles mesmos que, dispondo de maiorias parlamentares monstruosas, perseguiram de circulo em circulo o honrado chefe do partido progressista, roubando-lhe a sua cadeira no parlamento, e obrigando um dos nossos mais valiosos caudilhos a procurar em Timor um circulo que acintosamente lhe roubaram em Gouvêa, em Oliveira de Frades e n'outras localidades que desejavam elegel-o!

Quando a gente recorda estes factos que são de hontem, quando a gente se lembra d'estas e outras proezas de asselvajada intolerancia com que o partido progressista foi avexado e perseguido por aquelles que nos accusam agora de intolerancia, porque o governo, no exercicio das suas faculdades, transferiu de Aveiro para districtos limitrophes dois funccionarios amoviveis, quando a gente se lembra dos processos cabralinos empregados pela regeneração para se conservar no poder durante mais de quinze annos, amedrontando uns, perseguindo outros e corrompendo muitos, dá vontade de perguntar á *Gazeta de Portugal* se não estará a serpança a caçoar com a tropa.

COMMISSAO DISTRICTAL

RESUMO DAS DELIBERAÇÕES TOMADAS EM SESSÃO DE 23 DE OUTUBRO DE 1888

Deliberou deferir mediante os respectivos contractos nos termos do regulamento de 5 de janeiro d'este anno, os seguintes pedidos:

De Joaquim José Ferreira Baptista, casado, proprietario do logar de Carvalhal, freguezia de Macinhata, concelho d'Agueda, para que continue a ficar em sua companhia a exposta Maria, n.º 719;

De João Pereira Duarte, casado, artista, do logar e freguezia de Macinhata, do dito concelho, para que continue a ficar em sua companhia a exposta Georgina, n.º 887;

De Maria da Conceição, solteira, do logar de Souzalvo, freguezia e concelho d'Agueda, para que continue a ficar em sua companhia a exposta Rosa, n.º 658;

De Quiteria Maria Felicia, casada, do logar de Bolfiar, freguezia e concelho d'Agueda, para que continue a ficar em sua companhia a exposta Zulmira, n.º 746.

Deliberou não usar do direito de suspender a deliberação da camara municipal de Aveiro, tomada em sessão de 4 do corrente, ácerca da arrematação do abarracamento da feira de Março.

Procedeu á organisação do orçamento ordinario d'este districto para o futuro anno civil, a fim de ser submettido á approvação da Junta Geral na sua proxima reunião, deliberando se passassem editaes pondo o mesmo orçamento em reclamação.

Deliberou apresentar á Junta Geral na sua proxima sessão o requerimento do continuo d'esta repartição, Bento dos Santos, pedindo augmento d'ordenado, para ser tomado na consideração que merecer, informando favoravelmente.

Nada mais se deliberou.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Foi no dia 23 d'este mez o anniversario natalicio do nosso sympathico e prestimoso amigo, o sr. dr. Manoel Pereira da Cruz, considerado clinico d'esta cidade. D'aqui o felicitamos jubilosamente.

— Tambem fez hontem annos o nosso dilecto collega, dr. Barbosa de Magalhães, illustre deputado por Ovar, e presidente da commissão executiva da junta geral d'este districto. A sua auzencia, motivada por incommodo de saude, não permittiu aos seus amigos que podéssem testemunhar-lhe a sua affeição, commemorando condignamente a data do seu nascimento.

— O sr. coronel Bento da França, digno commandante de cavallaria 10, partiu na terça-feira á noite para Vizeu, a fim de tomar parte nos conselhos de guerra.

— Hontem o regimento de cavallaria 10, sob o commando do sr. tenente-coronel Miranda Gordilho, deu um passeio militar até á Oliveirinha, onde fez exercicio e manobras. O mesmo regimento recolheu ao quartel pelas 2 horas da tarde.

— Já regressou da sua casa de Sepins, na Bairrada, á sua casa do Porto, o nosso presado amigo o sr. Joaquim Augusto da Cruz.

Conde de S. Salvador de Mathosinhos.—Falleceu este benemerito cidadão portuguez, que nas terras de Santa Cruz prestou revelantissimos serviços ao nosso paiz, cujo nome exaltou com os rasgos da sua iniciativa prestante em notaveis instituições de beneficencia e de instrucção, em actos de altissima benemerencia e de patriotismo, pelo que a sua morte é uma perda lastimavel. A imprensa veste lucto e nós associamo-nos dolorosamente a este acto de condolencia, consagrando á memoria do finado titular estas singelas palavras.

A quem toca.—Um empregado das obras hydraulicas entrou ha tempo por um café dentro, ahi n'esse *deserto* do caes d'alfandega, e espancou cruelmente uma filha da nossa terra. Do facto teve conhecimento a justiça, que até hoje não procedeu, como aliás lhe cumpria.

Como não estamos dispostos a tolerar offensas d'estranhos a filhos d'esta terra perguntamos:

Este crime fica impune?

Não desampararemos o assumpto, custe a quem custar.

Corceito.—Um dos mais acreditados jornaes de provincia que se publica ao norte do paiz, dando noticia, na sua resenha jornalistica, no seu n.º de 24 do corrente, do que dizem os differentes jornaes que recebe, fallando do *Campeão das Provincias*, expressa-se do seguinte modo:

«Replica aos calumniadores e vem muito interessante, como sempre. Jornaes d'estes são os que conservam a antiga dignidade da imprensa periodica.»

Apparecimento de baleia.—A's 3 da tarde de hontem e a 300 braças ao mar, avistava-se de S. Jacintho uma baleia monstro. Houve receios d'ella, por as redes estarem no mar; mas o cetáceo fez-se logo mais ao largo, navegando sempre para o sul, e viu-se depois que as redes não tiveram avaria. Atirava o repucho d'agua a mais de 15 metros d'altura. Era bonito ver-se o animal. Quasi pela borda passavam assustadas milhares de toninhas. A baleia, ao largo, fazia marés enormes em volta de si.

Julgamento.—Foi julgada no dia 24 do corrente Maria Joanna de Jezus, de Ilhavo, por furto. A ré confessou o crime, e por isso foi condemnada.

—Hontem foi julgado José Gonçalves, do Fontão, accusado de ter dado em 1883 uma foiçada na mão d'um individuo. Não havia provas, e por isso o jury deu o crime por não provado, sendo o réu absolvido.

Trabalho no mar.—Continua a haver trabalho no mar, e agora mais productivo. A pesca tem sido boa sardinha, que está hoje no mercado por 900 reis o milheiro.

A desgraça d'Espozende.—Sobre o successo que alli enlutou tantas familias, diz-se-nos d'ali o seguinte:

Está de luto a villa de Espozende, e ha tres dias que as familias dos naufragos percorrem as ruas e praças em choros afflictivos e muitos lamentos. Causam horror estas scenas desoladoras e commoventes!

O naufrago sobrevivente, Antonio Simão, de 60 annos de idade, chegou de Vigo hoje (21) de manhã, e ainda muito alquebrado pela fadiga, fez assim a narrativa da catastrophe, ante muita gente e algumas familias dos desgraçados pescadores que pereceram n'ella: «A embarcação, cerca das 10 horas da manhã do dia 18, sossobrou debaixo de uma aragem fresca, a tres milhas da barra pouco mais ou menos. Procuramos agarrar-nos bem, para que as ondas não nos separassem, mas os mais fracos iam sendo arrastados e afundidos. Luctamos todo o dia, vendo de meia em meia hora desapparecer um companheiro, e ao sol-posto eram apenas vivos 14 d'aquelles desgraçados. Avistamos no horisonte uma embarcação, que demandava terra, e gritamos por soccorro, fazendo signal *com uma bandeira, mas tudo foi inutil*; os marcantes não fizeram caso! A's 6 horas da manhã do dia seguinte, levantou-se um vento fortissimo e o mar entrou de varrer a embarcação; de repente vejo desapparecer o ultimo dos meus companheiros, e eu, na maior das angustias, só, agarro-me á roda da prôa do batel, e ao fim de uma lucta tragica, terrivel, com os furiosos golpes do mar, fui salvo milagrosamente pelo capitão do vapor allemão *Mercur*, que passou por mim e que se dirigia de Cadiz para Bremen. O que sobretudo me causou maior horror, foi vér a agonia dos infelizes companheiros. Ao passo que iam morrendo, iam dizendo:

— *Se chegardes a ir a Espozende, lembrai-vos de mim. E assim iam morrendo successivamente.*»

E' desgraçadissima—é terrivel a situação das familias dos pescadores mortos. Bom seria que do cofre dos innundados se retirassem os necessarios soccorros para valer á calamitosa miseria das infelizes viuvas e orphãs. Hoje realisa-se aqui um bando precatorio, que colherá donativos que minorem os soffrimentos das pobres familias das victimas. Espero que v. se associe ao movimento que se promove em auxilio dos desgraçados.

Aos interessados.—Chamamos a attenção de quantos pagam collectas na freguezia da Senhora da Gloria, para o aviso que segue passado pela Recebedoria d'esta comarca:

O Recebedor da comarca d'Aveiro previne por este modo os contribuintes que tiverem propriedades ou exercerem industria ou habitarem casa de aluguer na freguezia da Senhora da Gloria d'esta cidade, que se acha em cobrança, na mesma Recebedoria, a contar do dia 2 de novembro proximo, a derrama da respectiva junta de parochia, correspondente a 10 p. c. sobre as contribuições directas do estado.

Aveiro 25 de outubro de 1888.

Exposição de vinhos portuguezes em Berlim

—O *Deutcher Tageblatt*, de Berlim, escreve a proposito da exposição de vinhos portuguezes o seguinte:

«Deve realisar-se em meiado do corrente mez a abertura da exposição de vinhos portuguezes installada em Waarenborse, esquina das ruas da Purg e Wolfgang.

O primeiro passo para esta exposição foi dado pela expedição commercial allemã, que ha dois annos a esta parte visita os portos do mar Mediterraneo, e que esteve com os seus navios no porto de Lisboa em fevereiro do anno de 1886.

As relações commerciaes do imperio allemão com Portugal accusam um movimento crescente e promettem um auspicioso movimento futuro. A importação d'este ultimo paiz para Hamburgo e Bremen augmentou em mais do dobro no periodo decorrido entre 1872 e 1877, para cima de 16 milhões de marcos; e egual movimento se nota quanto á exportação d'estes dois portos para Portugal. O principal artigo de importação portugueza para a Allemanha é o vinho; 1877 accusa uma importação viticola de 5 milhões de marcos; esta somma representa, no entanto, uma parte insignificante na exportação dos vinhos de Portugal, que presentemente nos mercados do interior da Allemanha não teem importancia que mereça menção especial. Immensa é, porém, a quantidade de vinhos portuguezes que, juntamente com vinhos italianos e hespanhoes, são enviados para França, onde as más colheitas e os estragos do phylloxera não permittiu que a producção viticola satisfaça ás exigencias do proprio consumo e aos pedidos de fóra; os vinhos do sul servem assim ao commercio francez para lotar os vinhos nacionaes que, sobrecarregados com despezas elevadas, são tambem em grande quantidade exportados para a Allemanha.

A união aduaneira allemã accusa em 1886 uma importação de 55:000 toneladas de vinho no valor de 33 milhões de marcos, na qual a importação de origem franceza representa 27 mil toneladas. N'estas circumstancias, é natural a pergunta: não faremos melhor, na Allemanha, importando directamente, e por melhor preço, os vinhos dos paizes originarios, e quando estes vinhos naturaes careçam de ser lotados proceder nós mesmos a essa operação? D'este modo, abstrahindo mesmo dos beneficios provenientes do consumo dos vinhos, o imperio allemão póde desenvolver e fortalecer as suas relações commerciaes com paizes que offerecem excellentes mercados para muitos dos artigos da sua industria, como o ferro, o aço, as machinas, etc. Tanto mais que em França os elevados direitos da alfandega tendem a difficultar cada vez mais a venda d'estes productos.

Dos vinhos portuguezes a Allemanha conhece apenas os vinhos fortes e finos do Porto; as outras especies, vinhos delgados, que substituem os vinhos ordinarios de Bordeaux, e que, pelas suas qualidades, estão nas condições de satisfazer as exigencias do seu clima e de convir ao gosto e á maneira de viver na Allemanha, são inteiramente desconhecidos entre nós. Obstar a este inconveniente é o intuito da projectada exposição de vinhos, da qual fará tambem parte uma exposição de todos os utensilios e objectos destinados a dar ao publico allemão uma idéa exacta da cultura do vinho em Portugal. Este emprehendimento, sob a direcção do conselheiro Francisco Joaquim da Costa e Silva, partiu da iniciativa particular dos mais importantes viticultores do paiz; e, encaminhado e patrocinado como foi pelo governo portuguez, offerecerá aos interessados no commercio de vinhos na Allemanha um perfeito conhecimento dos productos viticolas portuguezes.

A commissão central portugueza confiou da sociedade de geographia commercial a preparação dos regulamentos necessarios para a exposição, que durará cerca de tres mezes, e o facto d'esta união basta por si só para assegurar um exito brilhante a este emprehendimento opportuno, e que tem uma significação altamente popular para a vida industrial dos dois povos. Voltaremos a occupar-nos dos projectos da sociedade de geographia commercial e sua commissão, e mais tarde da *exposição de que se trata.*

PALACIO DA JUSTIÇA

O *Diario do Governo* publicou a seguinte portaria:

Achando-se o governo auctorisado pela carta de lei de 27 de abril de 1876 a mandar construir um edificio em que funccionem o supremo tribunal de justiça, a relação do districto de Lisboa e os tribunaes civis e criminaes de 1.ª instancia da capital, com excepção do tribunal de commercio; e tendo a commissão nomeada por decreto de 25 de agosto de 1887 para dar parecer sobre a maneira mais facil, prompta e economica de se proceder a tal edificação, consultado que o logar para ella póde ser o que em tempo fôra destinado ao mercado da Avenida da Liberdade, e que a mesma edificação deve ser feita por modo que a immediata construcção da parte em que hajam de funccionar os tribunaes de 1.ª instancia não fique dependente do resto do edificio, e sendo, aliás, de toda a conveniencia que no mesmo edificio fiquem a procuradoria geral da corôa e fazenda, a procuradoria régia da relação de Lisboa e a ordem dos advogados, quando venha a estabelecer-se: determina Sua Magestade El-rei, pela secretaria de Estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça, que se abra concurso, por espaço de 108 dias, para a elaboração d'um projecto de edificio destinado aos preditos fins, a construir no local mencionado, e pelo modo referido, devendo verificar-se o concurso e o projecto ser elaborado nos termos do programma que com esta portaria baixa assignado pelo conselheiro-director geral dos negocios de justiça.

PROGRAMMA PARA O CONCURSO

Artigo 1.º—O edificio a que se refere este programma é destinado para n'elle funccionarem o supremo tribunal de justiça, o tribunal da relação do districto judicial de Lisboa, a procuradoria geral da corôa e fazenda, a procuradoria régia, os tribunaes civis e criminaes de 1.ª instancia da comarca de Lisboa, e a ordem dos advogados, quando venha a estabelecer-se; devendo o projecto ser elaborado de modo que a immediata construcção da parte em que hajam de funccionar os tribunaes de 1.ª instancia não fique dependente da do resto do edificio.

Art. 2.º—O terreno destinado á construcção do edificio tem 63,55 de frente para a Avenida da Liberdade e 127m,30 de fundo, ficando comprehendido entre a Avenida da Liberdade a leste e as ruas Alexandre Herculano ao norte, Mousinho da Silveira a oeste, e Rosa Araujo ao sul.

§ unico. A planta d'este terreno, com as respectivas cotas de nivel, estará patente durante o praso do concurso na direcção geral dos negocios de justiça, em todos os dias uteis, desde as 10 horas da manhã até ás quatro da tarde.

Art. 3.º—Para o serviço dos diversos tribunaes e repartições, mencionados no artigo 1.º, haverá no edificio os compartimentos designados na relação junta a este programma, podendo, além d'estes, haver quaesquer outros que se julguem necessarios ou convenientes para os serviços a que o edificio é destinado.

§ unico. As superficies dos compartimentos indicadas na relação, não são obrigatorias, mas somente indicativas do espaço que para cada um d'elles se julga approximadamente necessario, podendo as suas dimensões em comprimento e largura variar conforme as condições de distribuição interior; tendo, porém, sempre em vista o fim a que cada compartimento é destinado.

Art. 4.º O edificio será disposto de modo que a entrada para os tribunaes criminaes tenha logar pela rua Mousinho da Silveira, ficando o serviço d'estes tribunaes independente e separado de todos os outros serviços.

Art. 5.º O projecto do edificio será composto das seguintes peças:

1.º Planta dos diversos andares e das fundações na escala de 1[100;

2.º Alçada das fachadas, anterior, posterior e lateraes da escala de 1[100;

3.º Córtes transversaes e longitudinaes na escala de 1[100;

4.º Detalhes de construcção e ornamentação, que o concorrente julgue necessarios para a intelligencia e apreciação do projecto nas escalas que parecerem convenientes para este fim;

5.º Medição geral de todos os trabalhos;

6.º Serie de preços;

7.º Orçamento;

8.º Memoria descriptiva e justificativa do projecto.

Art. 6.º Os projectos serão entregues na direcção geral dos negocios de justiça até ás quatro horas da tarde do dia 21 de abril de 1889, em troca de um recibo assignado pelo respectivo conselheiro director geral.

Art. 7.º Cada concorrente inscreverá um signal ou epigraphe distinctiva em cada uma das peças escriptas e desenhadas do seu projecto, e egualmente sobre um sobrescripto, não transparente, lacrado e sellado, contendo interiormente o nome e morada do concorrente.

O mesmo signal ou epigraphe será inscripto exteriormente no involucro lacrado, que conterá todas as peças do projecto.

Art. 9.º Expirado o praso fixado para a recepção dos projectos, serão estes expostos em uma sala do ministerio da justiça, por espaço de oito dias.

Art. 10.º Um jury especial nomeado pelo ministro e secretario d'estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça procederá ao exame dos projectos apresentados, apreciando-os sob o ponto de vista do seu merito absoluto e relativo.

Art. 11.º Os projectos approvados em merito absoluto serão depois classificados, pelo seu merito relativo, e será conferido um premio de réis 1:800$000 ao auctor do projecto que fôr melhor classificado, e outro de réis 900$000 ao immediato em merito: podendo tambem o jury propor menção honrosa aos auctores de quaesquer outros projectos que julgue dignos d'esta distincção.

Art. 12.º Os projectos depois de classificados serão novamente expostos durante o espaço de tres dias, com indicação dos premios, menção honrosa ou approvação que hajam obtido.

Art. 13.º Terminada a segunda exposição, os projectos, que não tenham obtido premios, serão restituidos aos seus auctores, se os reclamarem, mediante a apresentação dos recibos que lhes tiverem sido passados na occasião da entrega.

Art. 14.º Os projectos que tenham obtido premio ficarão sendo propriedade do estado, podendo o governo dispôr d'elles como tiver por conveniente.

Art. 15.º D'entre os sobrescriptos lacrados e sellados, que devem conter interiormente os nomes e moradas dos concorrentes, só serão abertos aquelles, cujo signal convencional corresponder aos dos projectos que tenham obtido premio.

Art. 16.º Serão tambem abertos os sobrescriptos correspondentes aos projectos que tenham obtido menção honrosa ou approvação em merito absoluto, se os seus auctores assim o pedirem durante os tres dias em que houver logar a segunda exposição.

Art. 17.º Será publicado no *Diario do Governo* a relação dos nomes dos auctores dos projectos que tiverem obtido premio, e tambem dos que tiverem obtido menção honrosa, e cujos auctores tenham feito o pedido a que se refere o art. 16.º d'este programma.

RELAÇÃO A QUE SE REFERE O ARTIGO 3.º E § UNICO DO PROGRAMMA

Supremo tribunal de justiça:

Sala das sessões, 300 metros quadrados.

Sala de conferencias, 50.

Gabinete do presidente, 20.

Sala de recepção, 30.

Oito gabinetes de vestir, 60.

Gabinete do secretario, 50.

Sala da secretaria, 100.

Sala do archivo, 50.

Gabinete do primeiro official, 20.

Gabinete do contador thesoureiro, 20.

Gabinete de recepção para os empregados, 20.

Gabinete para os empregados se vestirem, 20.

Casa para o livro da porta, 60.

Casa de arrecadação, 40.

Tribunal da relação:

Sala para o tribunal, 330.

Sala para conferencias, 100.

Sala para receber visitas, 30.

Nove gabinetes para juizes, 144.

Um gabinete para o presidente, 20.

Sala para o presidente, 30.

Sala para os advogados, 30.

Sala para os officiaes de diligencias, 40.

Vestiario, 50.

Sala para chancellaria, 40.

Gabinete para o revedor, 16.

Gabinete para o contador, 16.

Quatro cartorios para escrivães (dois compartimentos cada um), 160.

Sala para archivo de processos findos, 70.

Sala para secretaria, 70.

Gabinete para o guarda-mór, 24.

Gabinete para o thesoureiro pagador, 30.

Gabinete para os empregados receberem visitas, 20.

Sala para archivo, 90.

Procuradoria geral da corôa:

Sala de conferencias, 60.

Gabinete do procurador geral, 30.

Gabinete para os adjuntos, 20.

Sala de recepção, 40.

Gabinete do secretario, 30.

Vestiario, 30.

Procuradoria interna:

Sala para secretaria, 70.

Gabinete do procurador regio, 25.

Gabinete do ajudante, 20.

Gabinete do thesoureiro pagador, 20.

Gabinete do secretario, 20.

Archivo, 30.

Tribunaes civis de 1.ª instancia:

Sala para audiencia de expediente, 120.

Seis salas (eguaes) para audiencias ordinarias, 600.

Seis salas para testemunhas e membros de conselho de familia, 240.

Seis salas para testemunhas do sexo feminino, 90.

Seis salas para pessoas que intervem nas causas, 120.

Seis gabinetes para os juizes, 120.

Tres gabinetes para curadores, 45.

Gabinete para os advogados, 40.

Gabinete para os sollicitadores, 30.

Gabinete para o distribuidor, 35.

Seis gabinetes para os contadores, 180.

Seis gabinetes para os officiaes de diligencias, 120.

Tres armazens para arrecadação de espolios, 600.

Casa para arrematações, 100.

Casa para porteiro, e ficis, 80.

Cartorios para escrivães (vinte e quatro com dois compartimentos dada um), 960.

Tribunaes crimes:

Uma sala para audiencias geraes, 360.

Duas salas para audiencias geraes, 360.

Tres salas para outros serviços, 120.

Tres salas para jurados, 90.

Tres salas para testemunhas (sexo masculino), 120.

Tres salas para testemunhas (sexo feminino), 60.

Tres salas para recolher os reus, 60.

Tres gabinetes para os juizes, 60.

Sala para advogados, 30.

Seis gabinetes para delegados, 120.

Tres gabinetes para officiaes de diligencias, 60.

Sala para analyses chimicas, 30.

Sala para exames medicos, 20.

Cartorios para escrivães (nove com dois compartimentos cada um), 450.

Sala para força de policia, 40.

Trinta cellas para presos, 150.

Casa para carruagem cellular, 50.

Cocheira para quatro cavallos, 60.

Ordem dos advogados:

Sala de conferencias, 70.

Sala para outros serviços, 30.

Secretaria, 40.

Dois gabinetes, 40.

Bibliotheca:

Sala, 120.

Dois gabinetes, 40.

Um gabinete do bibliothecario, 20.

Loja para venda de papel, sellos, etc.

CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO CÓRGO

D'um distincto engenheiro recebemos o seguinte artigo:

Cada vez se assignala mais exuberantemente o espirito elevado e de longo alcance do illustre ministro das obras publicas. Ministro e engenheiros teem applicado o seu talento e a sua provada actividade em obras verdadeiramente notaveis, que enriquecerão o paiz pelos beneficios, que produzem, e affirmarão em todo o tempo uma prosperidade, que não póde negar-se.

Ainda ha pouco deu entrada no ministerio o projecto da linha ferrea de Chaves a Vizeu, ou mais conhecida pela linha do Tameba, linha de primeira ordem, onde se venceram verdadeiras difficuldades, para agora com satisfação nos referirmos á nova linha de Chaves a Villa Franca das Naves, representando ambas uma enorme massa de trabalho, de zelo e intelligencia, que não póde, certamente, perder-se pelo muito que representam, e pelos beneficios que asseguram a provincias afamadamente ricas, e tão injustamente esquecidas pelos poderes publicos.

Occupamo-nos hoje da linha do Valle do Córgo, que merece, pelas regiões que serve, uma descripção, ainda que rapida, da sua directriz, de obras de arte mais importantes, da situação nas suas estações, e demais detalhes, dignos de interesse.

A linha do Valle do Córgo, comprehendida entre a estação da Regoa e Chaves, ou antes da Regoa e Vidago, pois esta localidade é entroncamento com a linha do Tamega, tem de extensão: 73:248m,22, e está dividida em tres secções, sendo a 1.ª de Vidago a Villa Pouca de Aguiar, na extensão de: 24:623m,08; a 2.ª de Villa Pouca de Aguiar a Villa Real, de 26:497,94 e a 3.ª de Villa Real á Regoa, de 22:127,20. Os valles da Ribeira de Oura, de Sabroso, de Aguiar, afamados pela sua fecundidade, os productivos terrenos do concelho de Villa Real, e o Valle do Córgo tão estimado pelos seus preciosos vinhos e fructas, além de passar mesmo junto das acreditadas aguas das Pedras Salgadas e Vidago, são servidos por esta importante linha ferrea, circulação, que encherá de vida estas abençoadas regiões.

As estações d'esta linha são: Vidago (3.ª classe), Pedras Salgadas (3.ª classe), Villa Pouca de Aguiar (3.ª classe, Tellões (4.ª classe), Villarinho da Samardã (4.ª classe). Ponte (apeadeiro), Villa Real (2.ª classe), Avelladas (apeadeiro) Vane da Ermida (4.ª classe) e Regoa.

A estação de Vidago é commum ás linhas do Tamega e Córgo, e a da Regoa á do Douro e Córgo.

Obras de arte especiaes:

De ferro:

Ponte de Limão de 9m,60 de comprimennto.

Ponte da Gralheira de 9m,60 de comprimento.

Ponte de Tourencinho de 9m,69 de comprimento.

Ponte do Córgosinho de 22m,00 de comprimento.

Ponte da Ermida de 42m,09 de comprimento.

Ponte do Córgo de 62m,00 de comprimento.

Ha na 2.ª secção o importante viaducto de ferro, chamado o de *Luceiras*, formado de tres tramos metallicos, o central de 40m,00, e os lateraes de 32m,00. E' assente sobre pilares de pedra, tendo o mais alto a altura de 21m,10. O peso do taboleiro metallico é de 178:681 kilogrammas.

Viaducto do Reigar é de 5 arcos de 10 metros de vão: comprimento 85m,30.

Viaducto do Carcavelhal é de 7 arcos de vão de 15m,0, comprimento 146m,30.

Viaducto da Pouzada é de 7 arcos de 15m,00.

E' em curva de 800m,0 de raio, comprimento 160m,00. São estes dois ultimos viaductos as obras de arte mais importantes da linha ferrea do Valle do Córgo.

Viaducto da Barroco é de um arco de 10m,00, comprimento 62m,30.

Viaducto da Povoação é de um arco de 10m,00, comprimento 37,57.

Pontes de pedra:

Ponte de Cigarrosa de um vão de 10m,00, comprimento 46m,00.

Além d'estas obras de arte ha ainda as passagens seguintes:

Passagem superior na estrada real n.º 79, em Villa Pouca de Aguiar, formada d'um taboleiro metallico de 9m,00.

Passagem superior na rua dos Passos do concelho em Villa Pouca de Aguiar, formada d'um tramo metallico de 8m,00.

Passagem superior na estrada municipal n.º 1 em Villa Real, formada d'um tramo metallico de 7m,00. Todas estas passagens são obliquas, e constituem tres pequenas obras de arte d'um bello effeito. Ha ainda as passagens inferiores do Valle da Guia em Villa Real, formadas d'um arco de 10m,00 de vão.

Abundam os terrenos n'esta importante linha ferrea. O apertado de Valle do Córgo, com os seus pendões de rocha granitica, elevadas agulhas, que mais parecem enormes garrafas de champagne, que se interpõem n'aquellas vertentes aprumadas, a grande differença de nivel entre os seus valles principaes, e as curvas muito rapidas do rio, forçaram o traçado a perfurar repetidas vezes o terreno.

Ha 18 tunneis em toda a extensão da linha do Valle do Córgo.

1.º	tunnel	—Reigar (1.º)....	220m,00
2.º	»	—Reigar (2.º)....	120,00
3.º	»	—Varger.....	180,00
4.º	»	—Fortunhe.....	140,00
5.º	»	—Folhadella....	130,00
6.º	»	—Pallas (1.º)....	120,00
7.º	»	—Pallas (2.º)....	140,00
8.º	»	—Pallas (3.º)....	310,00
9.º	»	—Baratar.....	90,00
10.º	»	—Monicas.....	150,00
11.º	»	—Timpeira (1.º)..	80,00
12.º	»	—Timpeira (2.º)..	150,00
13.º	»	—Carrazedo.....	130,00
14.º	»	—Barroca.....	60,00
15.º	»	—Povoação.....	120,00
16.º	»	—Alvações.....	60,00
17.º	»	—Minas.....	60,00
18.º	»	—Firvida.....	240,00

O que dá um comprimento total de tunneis de 2:500 metros.

Em toda a extensão da linha ha:

Em recta..... 44:572,68 metros
Em curva..... 28:675,53 »

E' na 2.ª secção de Villa Pouca de Aguiar a Villa Real, que ha maior extensão em recta. O maior alinhamento recto é tambem n'esta secção, da extensão de 4:418m,60, situado no valle de Aguiar.

Dentro dos limites da tolerancia seguidos para uma via reduzida, não tem esta linha inclinações superiores a 0,023, nem raios inferiores 150m,00. Na 1.ª secção abunda muito este raio, devido á pessima orographia do terreno. Na 2.ª secção, em 48 curvas, só uma tem o raio limite de 150m,00. O intervallo entre as tangentes de curvas em sentido contrario, não é, em caso algum, inferior a 50m,00.

Como via reduzida, a largura entre as faces internas dos carris é de 1m,00. O orçamento total d'esta via é da importancia de 2.205:697$715 reis, distribuida assim:

1.ª secção: de Vidago a Villa Pouca de Aguiar.....	494:358$545
2.ª secção: de Villa Pouca a Villa Real	667:452$490
3.ª secção: de Villa Real á Regua....	1.043:885$680
Total	2.205:697$715

Posto que não seja a mais extensa e mesmo aquella onde ha menos obras de arte, é a 3.ª secção a mais cara, devido ao grande numero de muros de sustentação, e ao numero de tunneis que possue. Só esta secção tem 14 tunneis, e alguns d'elles muito importantes:

A media por kilometro é, portanto, de 30 contos approximadamente. Como esta linha, porém, faz parte da linha geral de Chaves a Villa Franca das Naves, e está toda subordinada ao mesmo plano, e sendo a outra parte da linha comprehendida entre a Regua e Villa Franca das Naves, mais economica, é a sua media geral de 20 contos, como tivemos occasião de verificar. Não é desanimadora, por isso, a sua construcção.

Escusamos de encarecer a importancia d'esta linha. Impõe-se como uma necessidade urgente. A zona riquissima, que atravessa, as necessidades que a moderna civilisação proclama, e que caracterisam todo o povo culto,—pois não se progride, nem se produz riqueza, estacionando em moldes, que á sciencia repugna, e temendo com fraqueza os grandes emprehendimentos, como se os sacrificios que se operam em favor da civilisação fossem capitaes, que se esterilisassem, sem um rendimento futuro, — comprovam a construcção d'uma linha, que arrasta á mesma communhão dos grandes melhoramentos, na confraternidade das mesmas aspirações, não só as populações, que se estanceiam, ricas de commodidades, nos centros mais favorecidos, mas ainda aquellas, que habitam pelas cumiadas e pelos valles distantes das montanhas do norte.

E são estas populações que mais requerem, em nome do progresso, a fecunda circulação d'este sangue novo, que lhes injecta uma linha ferrea. Um caminho de ferro desperta novas industrias, aprimora o genio do montanhez, despindo-o d'aquellas faixas rotineiras da primeira infancia da agricultura, accende nos povos uma outra aspiração de vida, e determina-lhes, pela luz que espalha, uma verdadeira comprehensão da industria.

Benemerito é o ministro que emprehende taes melhoramentos. As provincias do norte, e o paiz, abençoarão a sua fecunda iniciativa, e bemdirão o seu nome.

Região que seja montanhosa, que atravesse uma crise, que não seja o ideal d'uma agricultura em grande, dizia ha pouco um publicista, não merece uma linha ferrea! E, porque o Douro, por exemplo, está phylloxerado, e doente aquelle organismo outr'ora robusto, deve ser abandonado, segundo aquella theoria, quando, pela sua situação especial, está cada vez pedindo mais cuidados dos poderes publicos. E assim, por vezes, se discute a importancia de linhas ferreas, com pleno desconhecimento das regiões, que atravessa!

Traz-os-Montes é uma provincia muito rica. A variada cultura, que possue, e a distingue de todas as outras provincias; as grandes mattas, que ainda, actualmente, a cobrem, a riqueza mineira que encerra nas suas montanhas, abandonada, porque não ha meio economico e efficaz de a levar para longe, apresentando o producto de aquellas entranhas opulentas nos grandes centros industriaes do paiz; e a abundancia das suas aguas medicinaes, que brotam com exuberancia, as quaes estrangeiros até procuram, pela sua excellencia e nomeada, fallam de bem alto d'uma riqueza, que não póde, nem deve ser abandonada peles poderes publicos.

Feroz egoismo o d'aquelles que sacrificam o bem d'uma provincia a *interesses mesquinos* e pequenos.

Não podemos terminar este rapido artigo sem lembrarmos os nomes dos engenheiros, que collaboraram e executaram estes estudos, os quaes, pelo seu zelo e sciencia, merecem os mais justos elogios. São elles: Justino Teixeira, Pereira Dias, Moraes Sarmento, Paulo de Barros e Julio Portella.

NECROLOGIO

Quando penso na ephemera passagem por este valle de lagrimas e na immensidade de contrariedades e desgostos, que improvisamente nos surgem; quando por instantes medito e reparo, friamente, nos sacrificios e duros desenganos, que nos impõe esta pesada jornada da vida, parece que alguma coisa de intimo, a vóz da consciencia talvez, occultamente interroga—para que é que á humanidade foi perscripto tão pesado destino! Para que tanto labutar, tantas canceiras e ás vezes tantas privações, se ao cimo d'esta estrada, coberta de espinhos, nos assalta, impiedosamente, a morte, destruindo-nos todas as esperanças e cortando-nos todas as aspirações por mais humanitarias que sejam? Ferindo-nos a morte n'aquillo que nos é mais caro, alimenta em nós a descrença d'uma justiça sobre humana e produz um desengano terrivel, que torna ainda esta vida mais tetrica e arida.

E' arrebatada uma pessoa á sociedade que ella venera e aprecia como cofre de virtudes; perde um esposo a sua querida e insubstituivel companheira, aquella a quem confiava os seus segredos e que partilhava das suas maguas e das suas alegrias, dos seus reveses e dos seus triumphos; ficam umas creanças sem sua mãe, que estremeciam e adoravam—sem sua mãe que era a sua primeira riqueza, o seu grande abrigo, o seu guia, o seu querido amparo, e depois d'isto tudo será possivel que um individuo, que pense a sério sobre as coisas da vida, tenha grande confiança nos seus praseres e coragem para arrostar de bom animo com todas as difficuldades? Poderá chamar-se a isto uma vida feliz que valle a pena viver? Não decerto.

Succumbiu no dia 11 do corrente, em Coimbra, a ex.ma sr.ª D. Amelia Augusta Coelho de Souza Sampaio, virtuosissima esposa do sr. dr. Manuel Salazar, e filha do fallecido juiz de direito, Francisco Coelho de Sampaio, e irmã da esposa do sr. conselheiro Augusto Maria de Castro Côrte-Real.

Era uma senhora da mais fina sociedade de Coimbra, onde era muito estimada. Possuia um coração adornado com os mais elevados predicados de esposa e de mãe; e tinha uma educação aprimorada o que muito distingue a familia Coelho Sampaio. Era a senhora mais formosa de Cantanhede d'onde era natural e uma das primeiras do nosso districto.

Contava apenas quarenta e tres annos e deixou cinco filhos, alguns ainda creancinhas, todos envoltos n'uma profunda angustia, n'uma infinita saudade, n'uma noite de tristeza! Aquelle lar, que até alli fôra sempre um jardim florescente, um recintho de encantos e alegrias, um lar feliz e risonho, transformou-se de repente, n'um deserto arido e fastidioso, n'uma escuridão terrivel e profunda, onde já não apparece a angelica figura de esposa; o divinal e balsamico sorriso de mãe, a nobreza e animação do lar, a felicidade da casa, emfim. Aquellas creanças já não possuem o que lhes era caro.

E' por tudo isto que alguma reflexão e pratica da vida nos traz desenganos que nos entristecem, e descrenças que nos incommodam.

A todas as pessoas de familia da illustre senhora apresento o meu profundo sentimento.

Porto 22 de outubro de 1888.

R. S.

SECÇÃO AGRICOLA

PLANTAÇÃO DAS VIDEIRAS

Em todos os terrenos de cultura se póde obter vinho de boa qualidade, quando, ao plantar as Videiras, se escolham as melhores castas, distribuindo-as convenientemente, segundo a natureza das terras.

Infelizmente, porém, a maior parte dos nossos viticultores, não reflectindo nem prestando a menor attenção a este assumpto importantissimo, segue ainda a pratica rotineira. Dar-nos-hemos, pois, por satisfeitos se, com as razões que vamos expôr, conseguirmos que esses viticultores acolham o nosso conselho e abandonem a pratica erronea que teem seguido.

Sabe-se perfeitamente que ha Videiras proprias para certos terrenos e improprias para outros; e, por isso, da distribuição acertada das castas depende a boa qualidade do vinho.

Nas terras fundas e limadas deve plantar-se o «Vinhão tinto» em todas as suas especies, e em arvoredo baixo o «Vinhão molle», pois que estas castas sazonam muito bem em terras de primeira qualidade, ao passo que o «Borraçal» ou «Bogalhal», o «Espadeiro», o «Cainho», o «Sousão» ou «Borraçal gallego» nunca chegam á sua maduração completa nas referidas terras.

Portanto, estas castas devem ser plantadas nas terras de segunda e terceira qualidade, preferindo-se o «Mourisco», o «Sousão», o «Espadeiro», o «Molar», e o «Verdelho». Esta ultima casta, que se desenvolve perfeitamente em terrenos seccos, não se póde dispensar, porque é muito abundante a sua producção, sendo consideravel a parte saccharina da uva.

As castas que deixamos apontadas são optimas para vinhos verdes e proprias para plantar em terrenos abertos ou por vedar.

Existem muitas outras castas de que se fazem vinhos superiores áquelles; porém, só podem ser cultivadas em hortas ou quintas vedadas por muro, *pois do contrario o seu fructo é devastado* pelos glutões.

Essas castas são: *Moscatel roxo, Moscatel branco, Alvaroca, Azal. D. Branca, Bastardo, Alvaralhão, Bella branca, Bella preta. Deliciosa, Donzellinho, Formosa, Gouveia, Verdial, Pomposa* e outras muitas que seria longo enumerar miudamente.

Para terminar este pequeno artigo, diremos que, quando em 1850 tomamos conta do casal da Arrifana, era aqui o vinho muito delgado e ordinario, e agora possuimos vinho de muito bom typo, e que, sendo em 1885 exportado para Bordeus, foi ali comparado ao da Bairrada, tal é a consequencia do que acabamos de aconselhar, e que, desde aquella data, praticamos com o mais satisfactorio resultado.

Povoa de Lanhoso.

Francisco M. M. d'Oliveira.

SECÇÃO LITTERARIA

UM FEIXE DE VERSOS

Aquella repetida proposição dos *tartufos*—o poeta é a negação do senso pratico em cerebro doentio—ha já bem tempo que nunca se evidenciou tão falsa como no brilhante talento que vou ter a honra de apresentar por justissima admiração ao sabio areopago da litteratura patria; não que outros o não façam mais cabalmente; mas mais cinceramente... ouso desafiar a critica contemporanea perante a probidade das minhas convicções.

Aos que querem que a poesia seja a mocidade do espirito, como quem diz *un parvenu*, contestou triumphantemente o remoçador estro do auctor das *Orientaes*, guindando-se mais quanto mais se lhe projectava o vulto enorme na sequencia dos annos. E Lamartine offuscando as chammas de um lyrismo desesperador nos giros das mais inextricaveis e talentosas combinações da alta politica, dá-nos a medida do quanto *são conformes as musas aos doutores*, se a sentença de Bonald nos não houvera já dito que *a poesia não é senão a eloquencia que falla a compasso*, e a de Voltaire que *é a musica da alma, e sobretudo das almas grandes e sensiveis.*

Não collide pois o sentimento poetico na vida positiva; e ainda mais, porque a poesia sendo a intuição viva do bello, do sublime e até do ridiculo, é ao mesmo tempo uma imitação tangivel e ideal da natureza ajudada pelo rythmo. Os mais admiraveis livros que o homem tem escripto, são poesia: Os psalmos de David; as profecias d'Isaias, (talvez o maior poeta do mundo); as lamentações de Jeremias; o Genesis de Moisés—e Platão, Herodoto, Tito-Livio e Tacito são egualmente poetas. Temos d'aqui, que o que ha de mais sublime na historia, na philosophia, na politica, é poesia. Os Homeros e Virgilios, os Tassos e Miltons, os Camões e Goethes foram simultaneamente tudo isso, e geometras e naturalistas e cosmographos e philologos e economistas. Logo pois aonde fica a proposição arrojada dos prosadores?! Hir-se-ha acoutar nas artes?—Não; que a architectura é a poesia do mundo dos corpos, das formas inanimadas; a esculptura e a pintura são a poesia do mundo organico, das fórmas vivas e das côres; a musica, a poesia dos sons, diz Lamennais; —a gymnastica com a esgrimas e a dança, são a poesia da conservação e das attitudes.

Se d'est'arte a poesia, como o que é eterno, tudo abarca, havemos de pertender logo que o poeta seja a sensitiva intangivel ou refractaria ao calliginoso bafo da vida pratica? que seja apenas o imaginario agente de utopicas edeialidades? Exactamente lhe é a anthitese.—Se Colombo não fosse um poeta, ainda dormiria nos embriões das coisas provaveis o facto do descobrimento da America. Se Magalhães não fosse um poeta, não se ria evidenciado á sciencia do seculo XVI a fórma espherica da terra. Se Vasco da Gama e Nordenskiold não fossem poetas, não conquistariam os seculos XV a gloria de contornarem por mar os continentes. Se Cervantes e Shakespeare não fossem poetas, nunca se teriam pintado os sublimes caracteres de Quixotes e Pantagrueis e os exactissimos de Sanchos e Félatahs! E que foram os Minos, os Licorgos, os Sollons, os Confucios, os Socrates, os Ciceros, o Christa?—poetas. Todos os que fizeram avançar um só passo que fosse nos terminos da humana *res?*—poetas. Homens praticos bem aliás positivistas foram Baccho e Pan, Cyro, Dario, Xerxes, Alexandre, Cesar, Mahomet, Gengis-Kan, Tamerlão, Napoleão e tantos outros.

Eis-me assim chegado a provar a inanidade dos exforços que uma certa *claque* emprega para desmerecer na poesia, empresa em que arrasta muita consciencia de boa fé, mas eivadas do preconceito do dia de hoje—o trabalho utilitario—como se não o houvesse precedido desde todo o principio—o trabalho objectivado pela gloria, pelo ideal da fama—que qual luz baixada do ceu se accendeu, accende e accenderá pelas edades além em outros imperesciveis pharoes a allumiar os conquistados progressos e as appetecidas tendencias perfectiveis do futuro. —Honra á poesia:

O sr. Bruno Telles de Menezes de Vasconcellos—cavalheiro de seus 44 annos como diz no prologo do seu trabalho—enriquecendo as letras patrias com as suas admiraveis creações, não tem de que esconder-se do que foi—um indefesso trabalhador no commercio do Brazil, e do que é—um abastado capitalista do Porto, ao reunil-as n'um livro de primorosa edição a que pôz titulo—*Um feixe de versos*; e menos deve menospresar o aceume a que o incontestavel merecimento do mesmo o tem elevado na apreciação dos que como eu sinceramente manteem a verdade n'esta liça do conceito litterario tetricamente combalido pelo elogio-mutuo, quando o aprecia á luz de dois dos generos em que se exercitam os seus talentos metricos e em que inegualavelmente se distingue por todos os aspectos: refiro-me aos generos epigrammatico e fabula...

Ridendo castigat mores.

E se algum praguento ouse ainda obtemperar, que aquelle que conseguiu pelo seu trabalho honrado obter situação brilhante na sociedade por demais utilitaria de hoje em dia, deve egoisticamente recolher-se aos *acanhados* ambitos dos salões por mais amplos que estes sejam, e visto como já tem independencia e uns tantos lustros d'edade—saturar-se o espirito pela embriaguez apenas de sensação futeis, mundanas: aos taes responda tambem o nosso poeta com o latim

in omnibus respice finem

que é o, meu juizo, de vir preencher nosso estreito campo litterario o vacuo, que desde o Tolentino se sentiu de um genero de producções, tão difficil ou tão ingrato, que exige talentos de observação e analyse especiaes, como verá idiosincrasia da orientação poetica dos cultores das musas contemporaneos.

Disse eu que eram varios os generos metricos em que se nos manifesta o auctor no seu livro. E se permitte o primoroso poeta uma observação—quando fação uma nova edicção do seu livro expunja d'ella as composições lyricas e o mais, para só estampar, accrescentadas do muito e melhor que sei ter escripto, as epigrammati-

cas e as fabulas. D'aquellas ainda se poderia dizer que *as creanças teem uma alma poetica*; *o genero humano começou pela poesia*; *as raças poeticas são as raças novas da humanidade*. D'estas, pelo contrario, direi com Victor Hugo, que *a poesia de um povo é o elemento do seu progresso*.

E o nosso poeta que attingiu já a edade fria do bom senso e criterio, reconhecerá commigo que, comquanto tenha nas lyricas A MINHA FÉ e PROTESTO, comtudo nas satyras, nos sonetos, nos epigrammas, nos apologos eleva-se o seu genio até attingir na arte e invenção as culminancias dos mestres vernaculos, indo buscar ao céo o fogo como Psometheu para dar vida ás suas estatuas.

No genero epigrammatico, em que o poeta seguinde o exemplo do Patriarcha do genero Ennius, que bem que não fizera senão reproduzir a satyra das danças etruscas misturando-lhe versos saturnios e muicia e opulencia o estro do nosso poeta, incidindo com a irreprehensivel execução e selecção d'assumptos picarescamente facetos ou já traiçoeiramente maliciosos.

As leituras do seu Oracio,—que se não indigna contra o vicio, se bem lhe censure as extravagancias e a lealdade, parecendo não ver senão o lado feio das coisas, a que prodigalisa a ironia e os quinaus agradaveis, affirmando por fim que a virtude, cujos encantos elogia, esta toda na prudencia e boa conducta,—asseguram já agora ao nosso illustre poeta, acinzelladas na accurada arte de *Musset*, as palmas de um logar immorredouro entre os poetas do genero, a que Percio e Juvenal tão finamente sacrificaram, e modernamente o Regnier e Boileau, Hall e Byron, Hagedorn e Wieland, Aretino e Alfieri, Argensola e Naharro, Bocage e Tolentino.

Por o que ahi fica, não havendo espaços para extractos pela extenção d'este artigo, se terá reconhecido o feliz campeador que d'assalto conquistou o logar que lhe compete na nossa republica litteraria. E mais ouso lembrar ao distincto poeta, que pelas amostras ou tentativas do seu livro se reconhece poderia metter hombros ao genero dramatico, para o que a meu ver lhe sobram recursos, que uma inconcebivel modestia afferrolha sem rasão de facto nos apertados, ainda que felicissimos trabalhos do livro *Um feixe de versos*.

E já agora que nos digam os homens praticos que o poeta vive para ficções d'utopias; que o actual nosso distincto poeta satyrico é uma grande realidade a contradictal-os.

Antonio A. dos Santos Silva.

TREVAS E LUZ

I

Sabiam todos haver um thesouro occulto n'aquella sala, a unica que subsistia entre as ruinas do velho castello—um thesouro inestimavel de perolas e pedrarias, que devia existir para ali debaixo de qualquer lage, atraz de alguma columna.

O que o descobrisse seria o mais rico de todos os imperadores e reis, e teria todas as glorias. Sim, porque cada uma d'essas pedras preciosas era um talisman d'um poder irresistivel. Como facilmente se calculará, não faltava quem tentasse apoderar-se do thesouro. Os homens esqueciam-se dos seus negocios, dos seus trabalhos, para só pensarem no mysterio das ruinas: de todas as partes da terra vinha gente—uns a pé, outros a cavallos, mendigos e ricos, plebeus e fidalgos, burguezes e principes, guiados por uma esperança, por uma cubiça desenfreada.

No entanto o thesouro continuava occulto a todos os olhares. Porque? Tão fortes eram as portas d'esse aposento, que não podessem ser abertas ou arrombadas? Haveria ali dragões fabulosos defendendo-lhe a entrada? Nada d'isso. Havia um obstaculo invencivel que inutilisava todos os esforços. N'aquella sala, em todas as estações, e a qualquer hora do dia ou da noite, reinava constantemente uma obscuridade tão profunda, que os melhores olhos do mundo não conseguiram ver um palmo adiante do nariz. E nada havia que désse uma ideia aproximada d'aquellas sombras compactas.

E bem podia cançar-se o sol, que nenhum dos raios entraria n'aquelle mysterio defendido por uma barreira de *solitarios*, mas barreira impenetravel, invisivel, resistente á luz. Alguns arrojados que se aventuraram n'aquella noite espessa, contaram depois que sentiram um peso enorme na cabeça e nas palpebras. Os outros... esses nem poderam contaram nada, porque ficaram lá, mortos de fome talvez. Empregaram-se todos os meios para illuminar a sala: archotes, lanternas, molhos de palha incendiada, ramos de pinheiro resinosos. Tudo baldado. Mal se aproximavam da entrada, as chammas extinguiam-se. Imaginou-se então lançar para o interior bombas explosivas; mas as bombas rebentavam com um ruido surdo, sem um clarão sequer. Os reis e os principes, avidos de possuir essas riquezas fabulosas e talismans perdidos na treva, mandaram sabios ao castello, promettendo-lhes grossas quantias, se conseguissem fazer luz na sala mysteriosa.

Os sabios queimaram as pestanas, inventando oleos, combinando gazes muito capazes de fazerem incendiar o oceano, descobriram os fogos de artificio, construiram uma machina monstra, que por meio de um tubo agigantado e com auxilio de lentes possantes fazia convergir n'um ponto todos os raios do sol. Mas tudo foi inutil. As trevas permaneciam implacavelmente cerradas.

II

Por esse tempo, elle de dezeseis annos, ella de quinze, ambos esfarrapados e descalços, mendigavam pelas estradas, de casal em casal, colhendo flôres silvestres pelos vallados E devemos confessar, que os seus sorrisos eram mais vermelhos e alegres perante um tapete de margaridas do que ao receberem a esmola pedida. As proprias andorinhas que habitam os beiraes dos telhados, não saberiam dizer onde era a casa d'essas duas crianças.

Pois se ellas não tinham casa, nem familia. nem nada.

As andorinhas apenas se lembravam de os terem visto de manhã e á tarde, nos prados, á beira dos regatos, no cerrado dos bosques, por toda a parte onde houvesse flôres e aves. E eram felizes os dois vagabundos das solidões floridas! Preoccupações... nem uma. O pedaço de pão esmolado aqui e ali nas aldeias, iam elles comel-o longe das estradas, n'algum recanto afastado e cheio de sombras, com um sorriso nos labios, e os labios quasi nos labios: não ha refeição má tendo um beijo por sobremeza.

Dormir debaixo de telha... foi coisa em que nem um nem outro pensaram nunca. Que pardieiro ou que palacio valeriam mais do que as abobadas de verdura que lhes serviam de docel, ás noites?

E não se queixavam das noites glaciaes do inverno, nem das neves das montanhas, nem dos repetidos jejuns. Póde-se lá soffrer quando se ama! Póde lá haver frio quando ha fogo no coração?!

Uma tarde, subiam elles a encosta de um cerro, rebentou de repente a tempestade; uma tempestade terrivel de relampugos, trovões e chuva torrencial.

As arvores repassadas de agua não offereciam um abrigo. Estavam elles já resolvidos a aguentar a pé firme o aguaceiro, quando a poucos passos lobrigaram um montão de ruinas. Um instante depois entravam na sala das sombras eternas. A principio surprehendeu-os a obscuridade—pois se eram os unicos que desconheciam a historia do thesouro escondido!—mas não se assustaram, não. Sentaram-se ambos lado a lado, mãos entrelaçadas, labios unidos n'um beijo.

—Amo-te... segredou elle.

—Amo-te... segredou ella.

De subito, apenas pronunciada esta palavra—a palavra sagrada feita de luz e azul, a palavra divina!—o dia entrou a jorros na sala.

III

Aos seus gritos de espanto accorreram em tropel os que nunca se affastavam das cercanias das ruinas, na esperança de que o acaso lhes revelasse o segredo do thesouro. Calcule-se o espanto d'essa multidão avida, ao deparar-se-lhe um montão de pedrarias de que se escapavam feixes de raios luminosos. Precipitaram-se todos sobre aquella riqueza monstro! Alguns habitantes do paiz ficaram podres de ricos.

Só elles, os dois mendigos, que tinham feito a luz com a palavra santa «amo-te», só elles não pensaram em pedir o seu quinhão! Para que, se eram felizes?

—Amo-te... segredou elle.

—Amo-te... segredou ella.

.....

Apenas a tempestade passou, puzeram-se de novo a caminho.

—Uma esmolinha, pelo amor de Deus! imploraram elles.

—Não! responderam-lhes.

Mas não se queixaram, e lá foram andando e sorrindo ás flores humidas, que scintillavam á luz do sol, e de que tombavam pequeninas gotas de agua, mais puras que todas as perolas.

Catulle Mendés.

UM PENDAO REVOLUCIONARIO

Na minha visita a Salamanca, quando ia analysando detidamente as capellas do claustro da cathedral, foi-me indicado por um *cicerone* um objecto de toda a importancia historica.

Em uma das curiosas capellas está arvorado um pendão antigo em que predomina a côr encarnada e já hoje bastante mal tratado pela traça:—é a bandeira dos Comunéros.

Ora os visitantes que andam a percorrer a cathedral, tanto antiga como a nova, tem tanto que ver e admirar, que nem sempre votam attenção áquella reliquia, que é preciosa e devia estar conservada com toda veneração.

A bandeira dos Comunéros, esse labaro de guerra que significava um protesto dedicado e eloquente contra as indignidades da tyrannia; esse pendão que foi erguido em nome dos direitos do povo contra as violencias do imperante; esse estandarte que guiou os campeões Brabo, Maldona e Padilla, embora cahisse vencido no campo da batalha momentos antes de cahirem tambem cortadas no cêpo as cabeças d'estes valentes, não póde deixar de se considerar uma reliquia historica de muito valor.

Ha effectivamente na cathedral de Salamanca reliquias venerandas e preciosidades historicas dignas de serem olhadas com todo o amor, já pelo valor artistico, já pela tradicção religiosa, e até pelo ponto de vista que as eleva na ordem dos monumentos a que estão ligadas as recordações dos heroismos da virtude, da sciencia, do valor e dos altos serviços prestados á patria; mas a bandeira dos Comunéros não deve ficar esquecida, embora fosse hasteada no fragôr revolucionario e cahisse no campo entre os despojos da lucta.

Eu não sou um socialista que me impressione com as evoluções populares com que se pretende realisar a liquidação social; pelo amor de Deus, não me cuide alguem um revolucionario! Sou um homem amigo do meu paiz, respeitador da boa ordem e dedicado ás instituições: tenho a folha corrida sem nota nos registros criminaes etc. etc., por isso posso fallar dos Comunéros hespanhoes com todo o enthusiasmo com que um homem liberal póde fallar das luctas em que o povo reclama os seus direitos e protesta as tyrannias: posso emfim sentir uma certa pena pelos batalhadores que eram heroes e lamental-os como uns martyres da causa que tam dedicamente defendiam.

E depois, os Comunéros já morreram ha tres seculos e meio. Descansem os senhores capitalistas e descance tambem o governo que deve ter mais receios dos syndicatos do que dos communistas!

Eez-me impressão a bandeira que encontrei, porque me troxe á memoria essa lucta erguida os defensores das liberdades democraticas e os sectarios das monarchias absolutas; aquella haste de pau coberto hoje de pó e aquelle pedaço de tella povoado de traça, recordavam-me uma pagina da historia com todos os detalhes do heroismo e todas as violencias da intolerancia, com todo o calor do culto das ideias liberaes e com toda a severidade do jugo ferreo com que as velhas monarchias algemavam os povos, com as heroicas dedicações do civismo e os horrores penaes do absolutismo: aquella bandeira tem uma historia escripta com lagrimas candentes e sangue generoso no martyriologio da nação hespanhola!

Os meus companheiros perguntaram-me a razão porque me detinha tanto tempo deante d'aquella reliquia. E quando lhes disse o que era, concluiram:—então você, que está fallando com tanto enthusiasmo, é revolucionario?!...

—Descancem, atalhei eu logo: quando tiver tempo hei-de traduzir e publicar um capitulo da historia da democracia hespanhola e então hão-de os meus amigos ter occasião de ver o interesse com que eu ólho para esta bandeira dos Comunéros!

Venho hoje cumprir esta promessa traduzindo esse capitulo do sr. Emilio Castelar. Tem a palavra o eminente orador para dizer quem foram os Comunéros.

«Contra o imperioso influxo das monarchias absolutas protestaram necessariamente as liberdades democraticas da edade-media, especialmente em Castella, onde as liberdades populares tinham grande incremento. Isto era devido a uma causa que é a origem de todos os grandes acontecimentos de essa epoca—era devido á reconquista.

Graças a este influxo, nasceram os municipios, firmaram-se as côrtes, e pouco a pouco foi crescendo e nobilitando-se aquelle povo cuja fronte se levantava por sobre o throno.

Mas o absolutismo não podia, não queria tolerar este grande elemento, que, por ter crescido e augmentado ao abrigo da paz, lográra fazer a transição das instituições antigas para as instituições modernas que custaram tanto sangue.

Os reis absolutos não podiam consentir e luctaram corpo a corpo com as instituições democraticas até abatel-as. Os representantes da democracia hespanhola são: Brabo, Maldonado e Padilla, os tres martyres mais populares que registra a historia da nossa liberdade. São elles conhecidos mais vulgarmente pelo nome de Comunéros, porque esta classificação provém do nome de Communidades, que tomavam as cidades confederadas para defender os seus direitos.

A corôa de Castella tinha vindo parar sobre a fronte de Carlos V, neto do imperador d'Allemanha e dos reis Catholicos, herdeiro de Flandes e dos dominios que Aragão tinha na Italia, senhor do Novo Mundo, aquelle joven tinha o mais dilatado imperio que os seculos tem conhecido.

Morto seu avô, enlouquecida sua mãe, sobe a regencia de Cisneros, tomou Carlos a posse da coroa. Educado em Gante, a cidade da sua mocidade, mal sabia o idioma da grande nação que tinha de reger. Apenas collocado no throno de Hespanha vagou o throno do imperio allemão, que elle solicitou e obteve.

Ora para gastos e despezas proprias da ostentação que tinha de manter, necessitava de explorar a Hespanha. Pediu a Castella uma forte contribuição e as cortes da Corunha decretando-a, deu-se o conflicto de serem perseguidos, banidos e até enforcados os seus deputados. Carlos deixou uma regencia de extrangeiros e os extrangeiros eram odiosos aos castelhanos; por isso que estavam aggravados com os tributos e oppressos com toda a sorte de desgraças, os desditosos castelhanos ergueram suas armas contra a auctoridade da regencia.

Travando-se uma guerra tumultuaria e cruel, os imperiaes commettiam toda a sorte de vexames. Medina foi queimada em consequencia da sua nobre fidelidade á causa das liberdades tradicionaes. A aristocracia, que no começo olhou com bons olhos para a rebelião, voltou-se para as bandeiras imperiaes, apenas conheceu o aspecto democratico da sedição.

O commando do exercito das Communidades foi confiado a João Padila, o toledano. Homem de grande coração e d'um nobilissimo caracter, é necessario confessar que não estava auxiliado por uma intelligencia egual ao seu animo e vontade: só assim é que póde explicar-se a fatalidade immensa com que se mallogrou um movimento que tinha recebido tão grande impulso e que tinha conquistado tanta popularidade. Padila, o esforçado, o generoso, o integro Padila, sabia vencer; mas não sabia aproveitar-se da victoria!

Assim, pouco e pouco os imperiaes mais astutos, os pobres mais diligentes, foram arrebatando-lhe gente e recursos até o conduzir ao triste caso de Villalar.

Na manhã de 23 de abril de 1521 tomava Padila o caminho de Toro desde Torrelobaton. Souberam-o os imperiaes e vieram ao seu encontro, divisando-se uns aos outros em Villalar. A manhã era triste, o céu sombrio e o ar carregado de humidade; lodósa, alagadissa e encharcada a terra; parece que até o sol não tinha querido unir a sua luz, o céo e os seus matizes a esta infausta e desolada tragedia.

As hostes populares iam em debandada cegas pela aragem e pela chuva, apenas tractando de avançar para chegar ao povoado; n'esta confusão os peões caminhavam sem adiantar a marcha, os cavalleiros galopavam ao acaso, a artilheria grossa enterrava-se no lôdo, sendo impossivel manejal-a. A artilheria ligeira dos procéres começou a disparar sobre os populares, fazendo-os dispersar. Padila tentou com supremo exforço reunir os seus e não póde conseguil-o. Cahiram prisioneiros Brabo de Segovia e Maldonado de Salamanca, esforçados capitães, e d'ahi a instantes o proprio Padila estava em poder dos inimigos, que o rodearam querendo logo ali exterminal-o. Uns tractaram de arrancar-lhe o luxuoso manto de brocado que levava sobre o arnêz, outros cuspiram-lhe mil injurias, um feriu-o covardemente quando já estava vencido e prisioneiro.

Foram em seguida entregues aos confessores e condemnados á morte; Padila escreveu uma carta á cidade de Toledo e outra a sua esposa—as duas azas d'aquelle coração!

Na carta á esposa dizia:—Vós, senhora, como prudente, chorae a vossa desdita e não a minha morte, porque sendo tão justa por ninguem deve ser pranteada!

Chegou a hora e os prisioneiros seguiram para o cadafalso. Como o pregoeiro lhes ia chamando traidores, João Brabo exclamou:—Mentes tu e quem te manda apregoar!—Admoestando-o docemente, disse-lhe Padilla:—Hontem foi dia de combatermos como cavalleiros, hoje é dia de morrermos como christãos!—Guardaram então profundo silencio os tres sentenciados e juntam-se no pensamento dos amores que deixavam na terra e na esperança que punham em Deus.

—Degola-me primeiro a mim, disse João Brabo ao verdugo, para que não veja a morte do melhor cavalleiro que havia em Castella!

Chegou a occasião a Padilla, que já tropeçou no corpo inerte do seu amigo. Não póde o infeliz conter-se e fallou-lhe d'este modo:—Estás ahi meu bom cavalleiro!...

Talvez que a cabeça de Brabo, já separada do tronco, ainda podesse ouvir estas ultimas palavras d'um amigo; talvez que a alma dos dois se juntasse e subisse para o mesmo ceo.

Padilla tirou do pescoço o collar de que pendia uma reliquia e deu-a a um dos assistentes para que a remettesse á esposa e entregou-se ao supplicio. Maldonado foi executado em ultimo logar!

Os tres morreram nobilissimamente representando com grande e fidelissima convicção a briosa causa das liberdades castelhanas. Depois ainda foram mortos o bispo Acuuha e D. Maria Pacheco, que o havia sustentado em Toledo durante o desterro; todos foram martyres da defeza dos fóros populares; nobres victimas que foram estas: por certo os ultimos vestigios da democracia historica de Castella!

Algumas vezes tenho visitado o solar de Padilla antes que a camara de Toledo por um excesso de zelo o convertesse em passeio. As pedras amontoadas, as ortigas crescendo por entre as juncturas dos muros, a ruina, a solidão, e o silencio, tudo exprime quanto é terrivel a vingança odienta dos tyrannos!»

Tal é o facto historico que a contemplação d'aquella bandeira trouxe á minha memoria avivando a saudade que voto aos martyres das ideias mais liberaes e a indignação que me provocam os excessos do poder absoluto, cuja negra historia está manchada de tanto sangue e repleta de vergonhosos crimes.

Porto, 1888.

F. J. Patricio.

O SOL DA MEIA NOITE

Este titulo—«O sol da meia noite»—parece um absurdo, não é verdade? A' primeira vista, este capricho de fazer apparecer o sol quando a meia noite acaba de bater, equivale a fallar das estrellas do meio dia.

Pois, meus ricos senhores, estão muito enganados se acaso classificam de absurdo e titulo d'este pequeno poemeto em prosa, escripto ás duas da madrugada, entre a fumarada azulina d'um cigarro hespanhol e um pequeno calice de Madeira, este bello, este precioso vinho côr de cachimbo requeimado.

Dêem-me um bocadinho de attenção, se querem convencer-se.

A noite estava escurissima. Na curva do ceu nem uma estrella, nem uma fulguração argentina de luar. O vento ia chorando o seu responso funerio e lugubre, arrancando soluços despedaçados, esguedelhando a cabelleira negra dos salgueiros, que pendiam sobre as ruas lacrimosos, tremulos.

Eu tinha entrado em casa, havia pouco tempo. Sentara-me a lêr uma deliciosa eligia de Gautier, e acabara de lêr estes dois versos:

«Et tonte jeune fille est comme sou miroir
«Qui reçoit chaque image et n'en conserv,
aucune.»

quando o meu relogio, velho traste do imperio, balbuciou com um timbre d'oiro sonoro e cadenciado, as doze horas da meia noite.

Meia noite. Que tristeza e que escuridão!

De repente, senti um pequeno rumor na minha escada.

Levantei-me da minha cadeira e fui vêr quem era. Fui vêr quem era e vi um grande sol: vi os cabellos loiros da minha amada!...

Eugenio de Castro.

A VISINHA

Levantei-me hoje com tenção de fazer uns versos, um pequenido romance cujo sentimento resultaria do engaste dos meus decasyllabos castigados, onde eu empregaria as rimas mais iriantes, os adjectivos mais coloridos.

Achando muito originalidade na minha idéa, fui sentar-me á meza de trabalho, dispondo-me para começar a minha obra.

Que alegria immensa! No meio do meu enthusiasmo fiz logo o projecto de publicar esse pequeno poema n'uma bella edição de caracteres elzevirianos, em papel do Japão com vinhetas encantadoras e o titulo impresso a vermelho.

Como eu confiava no meu trabalho, que fugitivas chimeras que eu formei! O livro havia de fazer successo, a edição esgotar-se-ia, os meus inimigos haviam de ficar despeitados com esse triumpo, e quando eu fosse a passar pela rua, havia de ser apontado como uma notabilidade, o auctor d'uma obra notavel.

Allucinado de contentamento, dispunha-me já a escrever o primeiro verso, quando reparei que não tinha luz; agarrei vigorosamente na minha meza e transportei-a para junto da janella.

Desdobrei uma larga folha de papel, e estava para começar a escrever, quando olhei para as janellas do predio visinho.

Insensivelmente, a penna caiu-me dos dedos, e sem já me lembrar dos meus amados versos, puz-me a olhar, cheio de imbecilidade, para a janella fronteira, onde resplandeciam com toda a sua belleza os dois olhos negros da minha visinha.

Ella, apenas me viu, sorriu-se com um bello sorriso escarlate, e desappareceu.

Então quiz começar a minha obra, mas foi-me impossivel. A encantadora visinha desorientou-me completamente, e por mais esforços que empregasse, não consegui escrever um só verso, uma só palavra...

Eugenio de Castro.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 22

Concessões de differentes mercês honorificas.

Decreto alterando o regulamento e livro de escripturação das casas de penhores e emprestimos.

Boletim de sanidade maritima declarando limpo da epidemia do colera o porto de Macau.

Decreto prorogando até ao dia 3 de novembro proximo futuro o praso das matriculas para a instrucção superior aos alumnos que completarem os cursos preparatorios na segunda epoca dos exames.

Decreto reorganisando o plano dos estudos e o horario nas aulas dos lyceus.

Portaria prorogando até ao dia 3 de novembro proximo futuro o praso das matriculas nos lyceus.

Annuncio de estar aberto concurso, pelo praso de 30 dias, para o provimento das parochias de Arcos, no concelho de Villa do Conde; Barcos, no de Taboaço; Cebola, no de Covilhã; Figueiró da Serra, no de Gouveia; Pigueiros, no da Villa da Feira, e S. João d'Areias, na séde do concelho do mesmo nome.

Decreto reduzindo a 24 reis por kilogramma os direitos de importação na farinha de trigo.

Despachos de varios empregados para os correios e telegraphos.

Lista de antiguidades dos aspirantes supranumerarios dos correios e telegraphos.

Diario de 23

Portaria mandando abrir concurso para o projecto do edificio destinado aos tribunaes judiciaes de Lisboa, conforme o plano adjunto.

Mappa dos europeus fallecidos na provincia de Moçambique durante o primeiro trimestre de 1887.

Appendice—Relatorio sobre o Instituto Industrial e Comercial do Porto, referido ao anno lectivo de 1887-88.

Diario de 24

Varios despachos de instrucção publica.

Consultas dos conselhos de agricultura e commercio sobre os direitos de importação nos trigos e farinhas, e informações da padaria militar e administração do circulo aduaneiro do sul sobre os preços dos trigos.

Portaria modificando o systema do fornecimento de estampilhas e papel sellado aos diversos exactores de fazenda.

Portaria determinando que no hospital veterinario de Lisboa sejam immediatamente admittidos, sem as formalidades usuaes todos os animaes suspeitos ou atacados de raiva, para serem examinados.

58 **FOLHETIM**

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

Emfim d'aqui proveio que, na occasião do perigo que Isaac temia, achou-se abandonado pelos mercenarios descontentes, sobre a protecção dos quaes ello tinha contado, sem tomar as medidas necessarias para assegurar a boa vontade d'elles.

Foi n'esta situação que o judeu, sua filha e o ferido foram encontrados por Cedric e Athelstane, como já se disse, e cahiram com elles entre as mãos de Bracy e dos seus confederados. Não se fez ao principio grande attenção á liteira, e não se teria provavelmente pensado em leval-a se a curiosidade de Bracy, que julgou que ella poderia conter o objecto, pelo qual elle e os seus tinham concertado esta empresa atrevida; pois que lady Rowena estava coberta com um véu, e elle não a tinha reconhecido. Abriu pois a liteira. e não ficou pouco admirado quando viu n'ella um cavalleiro ferido que, julgando-se entre as mãos *d'outlaws* saxonios, e pensando que o seu nome poderia servir-lhe de protecção para com elles, lhe disse francamente que era Wilfred d'Ivanhoé.

Apesar da sua leviandade, e ainda que no meio d'uma vida dissipada, de Bracy tinha sempre conservado alguns principios d'honra cavalheiresca. Longe de commetter nenhum excesso contra o que elle suppunha seu rival, e que não estava em estado de se defender, tomou bastante cautella para evitar que Cabeça-de-Boi o percebesse: pois que este não teria tido escrupulo nenhum de dar a morte immediatamente ao homem, que podia contestar-lhe a posse do senhorio d'Ivanhoé. Mas, por outro lado, dar a liberdade a um rival preferido por lady Rowena, como os acontecimentos do torneio assaz o tinham provado, e como além d'isto elle o devia saber, por ser notorio o bannir da caza paternal, era este um esforço superior á sua generosidade. Aquillo pois, que elle se sentiu em estado de fazer, foi um termo medio entre o bem e o mal. Postou dous dos seus escudeiros de cada lado da liteira, e ordenou-lhes que não deixassem aproximar ninguem; se os questionassem, que respondessem que era a liteira de lady Rowena, onde tinham posto um dos seus camaradas ferido no combate. Chegando a Torquilstone, em quanto o dono do castello e o templario se occupavam nos seus projectos contra o judeu e sua filha, os escudeiros de Bracy conduziram Ivanhoé a um quarto affastado, e continuaram a fazel-o passar por um dos companheiros. Esta foi a desculpa que deram a Cabeça-de-Boi quando, fazendo a sua ronda, e achando-os n'este quarto, os reprehendeu por se não terem dirigido ás muralhas assim que ouviram tocar a rebate.

— Um companheiro ferido! exclamou elle com um ar misturado de cólera e de surpreza; não admira que camponezes e *yeomens* ousem sitiar este palacio, nem que bufões e guardadores de porcos mandem desafiar os nobres, quando se vêem homens d'armas transformados em enfermeiros. A's muralhas, cobardes! ás muralhas! ou partir-vos-hei os ossos com este páu.

Responderam-lhe com firmeza, que nada ambicionavam tanto como correr á defeza do castello, com tanto que elle tomasse sobre si o encargo de os desculpar para com o seu amo, que lhes tinha ordenado de vigiar o moribundo.

— O moribundo! bradou o barão: posso assegurar-vos que nós é que o seremos dentro em pouco, se acaso não mostrâmos mais animo. Porém ficai tranquillos, eu vou render-vos a guarda.

— Oh lá! Urfried, redarguiu elle com voz de trovão, velha maldicta, brucha saxonia, ouves-me ou não? Vem aqui depressa! toma conta d'este ferido, já que assim é necessario. Vós, ousai das vossas armas; aqui estão trabucos, torniquetes e settas; correi ás ameias, e que cada dardo que arremessardes atravesse um saxonio.

Os dous escudeiros, que, como a maior parte dos seus camaradas, aborreciam a inacção tanto quanto apreciavam o combate, foram com prazer collocar-se no logar que lhes estava designado; foi assim que Ivanhoé se achou entregue aos cuidados de Urfried ou Ulrica, e esta mulher, que só tinha o espirito cheio de ideias de vingança, apressou-se em substituir Rebecca no seu logar junto ao ferido.

XXIX

A' torre do relogio sóba, e ao longo
Olha, e me conta o estado do combate.

Schiller.

O momento do perigo é muitas vezes igualmente o momento em que a coração se entrega á inclinação da affeição. Uma agitação geral nos faz descobrir muitas vezes, sem querer, sentimentos que, em tempos mais tranquillos, teriamos occultado. Achando-se perto de Ivanhoé, Rebecca ficou surprehendida da sensação aprazivel que experimentava no momento em que tudo á roda d'ella era perigo e desespero. Examinando lhe o pulso, e questinando-o sobre a sua saude, a sua voz era tão terna, que bem mostrava tomar mais interesse pelo estrangeiro, do que queria confessal-o a si mesma. Tremia-lhe a mão, expirava-lhe a palavra á flôr dos labios; e foi esta expressão d'Ivanhé.

— Sois vós, menina?—que a fez tornar a si mesma, forçando-a a lembrar-se que o sentimento, que ella experimentava, não era nem podia ser partilhado. Escapou-lhe um suspiro, mas apenas se poude ouvir: e as perguntas que ella fez ao cavalleiro, sobre o estado da sua saude, foram dirigidas no tom pacifico da amizade. Ivanhoé respondeu-lhe, que se achava melhor do que o ousaria ter esperado, graças aos vossos cuidados querida Rebecca, accrescentou elle.

— Chama-me querida, disse para si a joven judia, mas é d'um modo indifferente, que concorda mal com a sua palavra. O seu cavallo de batalha, o seu cão de caça lhe são mais caros do que a desprezivel judia.

— Os soffrimentos do meu corpo, continuou Ivanhoé, são menos insupportaveis do que as inquietações do meu espirito. Pela conversação de dous homens d'armas, que ficaram ao pé de mim até agora, soube que estava prisioneiro; e reconheci no cavalleiro, que veio chamal-os, o terrivel Cabeça-de-Boi, d'onde concluo que estou no seu castello. Se assim é, como poderei soccorrer lady Rowena e meu pai?

— Não falla nem do judeu, nem de sua filha, reflectiu Rebecca; não occupâmos o menor logar nos seus pensamentos. O céu castiga-me com justiça, por ter por elle deixado occupar os meus.

Rebecca depois de se ter accusado d'este modo a si mesma, communicou-lhe tudo o que sabia, isto é que o templario Bois-Guilbert, e Cabeça-de-Boi commandavam no castello; que se achava rodeado de inimigos, mas que ignorava quaes eram os sitiantes. Accrescentou mais, que um padre christão acabava d'entrar no palacio, e que de certo elle estava mais instruido ácerca do que se passava.

— Um padre christão! exclamou Ivanhoé; quero vêl-o. Fazei tudo o que for possivel para o encontrar e trazer-m'o, Rebecca. Dizei-lhe que um homem *perigosamente ferido reclama os* seus soccorros espirituaes; dizei-lhe tudo o que vos vier á cabeça, mas fazei o que poderdes para que eu o veja. É preciso que eu faça, ou que trate de fazer alguma cousa: mas como hei de tomar uma resolução, sem saber o que se passa lá por fóra?

Rebecca, em attenção aos desejos d'Ivanhoé, fez a tentativa que a chegada de Ulrica impediu, como já se viu; pois que ambos estavam á espreita para se apoderarem do pretendido frade da sua passagem; e voltou para annunciar ao joven cavalleiro, que se tinha mallogrado o seu projecto.

Ivanhoé não teve occasião para se entregar ao seu pesar. O barulho que reinava havia algum tempo no palacio, e que era occasionado pelos preparativos da defeza, tornou-se de repente muito mais consideravel, e mudou-se em tumulto e clamores. Os passos precipitados dos homens d'armas, que caminhavam ás muralhas, retiniam em todas as passagens estreitas, e pelas escadas que conduziam ás ameias, e aos outros pontos de defeza. Ouviam-se os cavalleiros animar os seus soldados, e indicar-lhes o que deviam fazer; as suas vozes eram muitas vezes cobertas pelo retinido das armas, e pelos gritos d'aquelles a quem ellas se dirigiam. Aos horrores d'esta scena, que ainda mais horrivel se tornava pela ideia do que d'ella devia sahir, misturava-se um sentimento sublime na alma exaltada de Rebecca, susceptivel d'uma tal impressão, mesmo n'este momento de terror. Os olhos scintillavam-lhe, ainda que as faces tivessem perdido as suas côres, e percebia-se-lhe na voz uma mescla de temor e d'enthusiasmo, no momento em que ella repetia o cantico sagrado: «Vê-se brilhar o dardo e o escudo; sentem-se sibilar as flechas, ouvem-se as ordens dos capitães e os gritos dos soldados.

Mas Ivanhoé era como o cavallo bellicoso d'esta passagem sublime. Bramia vendo-se reduzido á inacção; ardia por tomar parte no combate, que este ruido confuso annunciada.

— Se eu podesse arrastar-me até essa janella, disse elle, para vêr ao menos os nobres feitos d'armas, que vão ter logar!... Se podesse desgarrar alguma flecha, levantar uma hacha d'armas, quando não fosse senão para dar um só golpe para o nosso livramento?... Votos superfluos! Estou sem forças, e sem armas!

— Não vos agiteis d'essa maneira, nobre cavalleiro, lhe diz Rebecca. A bulha cessou de repente, e talvez que não haja combate.

— Vós não entendeis nada d'estas cousas, respondeu Ivanhoé com um tom d'impaciencia. Este momento de silencio prova só que os homens d'armas estão nos seus postos juntos aos muros, e esperam o instante do ataque. O que nós acabamos d'ouvir é a bulha precursora da tempestade ainda affastada; mas vai rebentar com todo o seu furor... Sim, devo tratar de me chegar para a janella.

— Não o obtereis, lhe diz Rebecca, fôra retardar a vossa cura. Mas vendo a sua inquietação extrema: Eu mesma me porei lá, accrescentou ella com firmeza, e dar-vos-hei parte de tudo o que se passar por fóra.

— Não fareis tal, prohibo-vos que o façais, exclamou vivamente Ivanhoé; cada janella, cada abertura vai servir de ponto de mira aos archeiros, e um dardo lançado por acaso...

— Tanto melhor, diz Rebecca em voz baixa subindo alguns degráus que conduziam á janella.

— Rebecca! cara Rebecca! continuou Ivanhoé, não se trata aqui de brincos de raparigas. Não, vos arrisqueis a receber alguma ferida, e talvez a morte. Quereereis que eu me increpasse eternamente de ser causa d'um tal desastre, e que esta ideia me envenenasse a vida?... Ao menos cobrivos com esse velho escudo, e mostrai-vos o menos que poderdes.

Rebecca seguiu com presteza este ultimo conselho, e, agarrando o escudo, pôz-se á janella de modo que, sem correr muito perigo, podia vêr tudo o que se passava, e instruir Ivanhoé dos preparativos d'ataque, que faziam os sitiantes. A posição do quarto era particularmente favoravel para este fim, porque posto n'um angulo do edificio principal, deixava vêr tudo o que se passava fóra do castello, e dominava mesmo sobre as fortificações exteriores, contra as quaes pareciam dirigir-se os primeiros esforços dos sitiantes. Havia um vallado que não era nem alto, nem longo, e que servia de defeza á porta pela qual Cabeça-de-Boi tinha feito sahir Cedric. Um fosso separava este vallado do palacio, de sorte que suppondo que o inimigo se apoderasse d'elle, era facil cortar toda a communicação tirando algumas taboas, que formavam uma especie de ponte. Havia no vallado uma porta, correspondendo á do palacio, rodeada com uma forte paliçada. Rebecca notou, pelo numero dos homens encarregados de defender este ponto, que os sitiados temiam o ser atacados por este lado: e como as principaes forças dos sitiantes se dirigiam em frente d'este vallado, era evidente que tinham formado o projecto de o tomar, e que consideravam este ponto, como o que lhes promettia melhor successo.

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

26 DE OUTUBRO DE 1888.

Nenhum acontecimento importante se tem dado n'estes ultimos dias. Tudo caminha regularmente, e ainda bem que assim succede.

— Os jornaes republicanos são já os unicos que fallam da questão d'Aveiro, e esses mesmos passageiramente. Teriam feito melhor serviço se a não tivessem tocado, porque o assumpto carecia de importancia para tanto barulho. Foi á falta d'outro que aproveitaram aquelle.

— Está resolvido o conflicto com Marrocos, do qual muito de proposito me tenho abstido de fallar. O governo recebeu telegramma do nosso ministro em Tanger, communicando-lhe que o sultão se resolveu a dar as satisfações que lhe foram exigidas, ordenando que a bandeira portugueza, arvorada n'uma fortaleza marroquina, fosse saudada com uma salva de artilheria. Este resultado não é uma gloria, mas é uma satisfação. O incidente terminou assim honrosamente para Portugal, sem ter sido necessario empregar violencias, que deviam desagradar ao nosso brio nacional por não serem perigosas. Deve-se isto, incontestavelmente, á cordura do governo, que não se precipitou nem se affogueou, sem comtudo deixar de ser energico. Segundo ouvi, o telegramma do sr. Colaço cruzou-se com outro em que o sr. ministro dos estrangeiros lhe ordenava que, visto o governo marroquino não responder á ultima nota que lhe fôra dirigida saisse de Tanger e entregasse o conflicto á artilheria do *Vasco da Gama* e da *Rainha de Portugal*. Ainda bem que se evitou esta *ultima ratio*.

— Assentua-se aqui o movimento social—*graças* á licença que á imprensa se tem permittido. Os moços de padeiro são obrigados a fazerem o registo dos seus nomes no governo civil. Levantam-se contra isto e fazem meetings para protestarem. No comicio de hontem estiveram 3:000 membros da classe. O dono d'uma padaria da rua do Sol, participou por escripto a sua adherencia, enviando 9$000 reis para o cofre de resistencia! Adheriram tambem os moços de padeiro d'Evora. Fallaram quatro dos promotores do comicio. O ultimo d'elles, chamado Joaquim Fernandes Sacadura, leu um discurso accentuadamente socialista. Findo o comicio, foram em commissão para o governo civil, sendo portadora da representação. A' sahida do *meeting* tinha-se feito um largo peditorio.

E assim se deixam caminhar as cousas! Rezistencia a tudo o que é ordem e legalidade! Póde isto continuar assim?! E' o que todos perguntam.

— Reuniu-se na quarta-feira no paço d'Ajuda, á 1 hora da tarde, por acquiescencia d'El-rei, uma junta composta pelos medicos da real camara, os srs. drs. May Figueira, Barbosa, Magalhães Coutinho, Feijão, Barros da Fonseca, assistentes de S. M., e os medicos que tinham assistido á conferencia em 31 de maio, drs. Sousa Martins, Bento de Sousa e Gaspar Gomes. Faltou do quadro dos primeiros o sr. dr. Lencastre por estar no estrangeiro em serviço de Sua Magestade a Rainha. Depois de minucioso e detido exame feito a S. M. e de terem verificado que o seu estado actual se podia considerar como de cura completa, os conferentes despediram-se de S. M., felicitando-o cordealmente pelas suas melhoras obtidas tão rapidamente, segundo se verificára pelo relatorio summario da viagem, feita pelo seu medico dr. May Figueira. Foi comtudo recommendada a S. M. a observancia rigorosa da hygiene que a sua saude, embora muito lisongeira, ainde reclama.

— E' quasi completo o restabelecimento do sr. infante D. Augusto. Sua alteza sahiu hontem pela primeira vez de carruagem. Continua, porém, ainda em tratamento e entregue aos cuidados do seu medico assistente, o sr. dr. Barros da Fonseca, que tem tratado de sua alteza com um cuidado e zelo inexcediveis.

— Estão em Lisboa o nosso muito estimado amigo, o sr. dr. José Maria Barbosa de Magalhães e sua ex.ma esposa. O illustre deputado por Ovar vem aqui convalescer da molestia que de subito o acommetteu. Está já muito melhor e creio poder-lhe affiançar que dentro de poucos dias voltará ao seio dos seus amigos inteiramente bom. Hoje partiu para Cintra, onde se demorarão alguns dias. Ali ainda é verão —ainda se está bem, ainda se goza uma perfeita hygiene.

— Foi aqui recebida com geral sentimento a noticia da morte do conde de S. Salvador de Mattozinhos, um dos caracteres mais nobres d'este paiz, o homem de mais elevados sentimentos patrioticos que tem apparecido n'este ultimo tempo. Com os seus grandes recursos monetarios e com o seu immenso credito fez bem a muita gente e fez importantissimos serviços ao paiz. A sua morte é um acontecimento—é em fim uma grande perda nacional. Lamentam-a todos, e ha-de sentil-a o paiz, que difficilmente produzirá quem o substitua nos grandes rasgos de humanidade e de patriotismo que constantemente praticava. Diz-se tudo affirmando-se que a morte do conde de S. Salvador de Mattozinhos importa uma perda nacional.

— Realisou-se hoje no ministerio das obras publicas, o concurso para a construcção, por empreitada geral, das obras para melhoramento do porto e barra de Vianna do Castello. A base de licitação n'este concurso era de réis 400:000$000. Compareceram tres concorrentes: o sr. Eugenio Fezas, que se promptificou a executar as obras pelo preço de 399:900$000 réis; os srs. Pierre de Bacre e Augusto Laverri, que offereceram o preço de 399:950$000 réis; e o sr. Antonio Xavier de Almeida Pinheiro, que offereceu o de réis 399:900$000. Dando-se, pois, o caso previsto no artigo 25.º das instrucções para as arrematações de obras publicas de 18 de julho de 1887, de haverem dois licitantes que offerecerem o mesmo preço e de ser este o minimo, procedeu-se á licitação verbal de que trata o mesmo artigo, entre o primeiro e o terceiro dos licitantes referidos, observando-se o que dispõe a condição 11.ª do programma de 16 de agosto do corrente anno, que regula este concurso, de não poderem os lanços da licitação verbal ser inferiores a réis 100$000. Aberta a licitação verbal, o sr. Eugenio Fezas declarou que abatia 100$000 reis á sua proposta, obrigando-se a executar as obras pela quantia de 399:800$000 reis; e em seguida declarou o sr. Antonio Xavier de Almeida Pinheiro que não propunha abatimento algum; em vista do que, a proposta do sr. Eugenio Fezas, resultante da licitação verbal, foi a menor de todas.

— A virtuosissima esposa do nosso presado amigo e prestante correligionario o sr. dr. Augusto Correia da Silva e Mello, deu á luz, com feliz successo, uma menina. Receba s. ex.ª as nossas felicitações muito affectuosas.

— Vieram a Lisboa com o fim de cumprimentar e felicitar El-Rei os srs. arcebispos de Perga e de Larissa. E' de crer que os outros prelados não faltem a este dever d'alta delicadeza.

— Chegaram hontem de manhã no comboyo, vindos do Porto e acompanhados dos policias d'aquella cidade, n.os 51 de 1.ª divisão, e 172 da 2.ª divisão, os presos José Amoedo, criado de servir, que foi preso no Porto por ser accusado de ha dias ter furtado ao criado da copa do café Europa em Lisboa a quantia de 30 libras, fugindo em seguida para aquella cidade. Os mesmos policias tambem trouxeram Antonio Soares de Mattos, que foi preso na Povoa de Varzim a requisição do administrador de Lagôa, Algarve, por ter ali roubado e assassinado um homem. Os presos deram entrada nos calaboiços do governo civil.

— O *Diario do Governo* publicou uma portaria determinando que no hospital veterinario de Lisboa sejam immediatamente admittidos com dispensa das formalidades usuaes, e convenientemente observados pelo respectivo pessoal technico, todos os animaes, suspeitos ou atacados da raiva, que derem ali entrada mediante guia passada pelo intendente ou vice-intendente de pecuaria em serviço na 7.ª região, devendo a junta directora do mesmo hospital mandar proceder a todas as observações e estudos, incluindo as inoculações experimentaes e outros meios de investigação modernamente aconselhados pela sciencia medica para auxiliar o diagnostico da doença, e bem assim remetter ao governo, pela direcção geral da agricultura, os autos dos exames clinicos e o resultado dos referidos estudos, independentemente do conhecimento que deve dar-se, nos termos das instrucções vigentes, ás respectivas auctoridades, ácerca da natureza da doença dos animaes examinados.

— Dou-lhe hoje uma noticia que sobremaneira deve interessar a população de Lisboa. Antes da inauguração do mercado a carne de vacca estava a 3$300 e 3$400 reis a arroba; hoje vende-se por 3$250 reis e com tendencia a baixar. O mercado continua a estar abastecido dos gados necessarios para fornecer todos os talhos, alguns dos quaes, que teem por divisa *Utilidade publica*, pertencem á empreza do mercado.

— Sua Magestade El-rei dignou-se receber ante-hontem, em audiencia particular, os dois filhos do rei do Congo e o benemerito missionario padre Barroso, chefe da missão de S. Salvador. Foram apresentados pelo governador geral da provincia de Angola.

— Reuniu hontem á noite o conselho escolar do lyceu central de Lisboa, para propôr o horario e a distribuição do serviço em conformida com o novo plano de estudos.

— Em consequencia dos progressos da epidemia angina depheterica, que está grassando em Elvas, foi posto á disposição da auctoridade o forte de Santa Luzia, onde esteve alojado o Lazareto.

— O sr. dr. Octavio Lobos manda rezar hoje, pelas 10 horas da manha, uma missa na egreja da Encarnação pelo restabelecimento da saude de Sua Alteza o Senhor Infante D. Augusto.

— O sr. conde de Castro ao receeber a noticia da grande desgraça succedida no mar d'Espozende, enviou para ali um importante donativo. E' sempre aquella alma nobilissima a expandir-se, em favor da desgraça, por actos grandes. Que o Céu premeie as suas tão excepcionaes virtudes.

— Os proprietarios de fabricas de distillação do Porto conferenciaram hontem com o sr. ministro da fazenda, que prometteu attender ás reclamações contra o regulamento do imposto sobre a producção de alcool. Os commissionados ficaram satisfeitos com as explicações e promessas do sr. ministro. A commissão que veio d'alli compunha-se dos srs. Silva Cunha, Antonio Brandão, Fialho e Amaro Gama.

— Consta que, no commissariado da 1.ª divisão, appareceu denuncia d'um crime de incesto e que se procedeu rapidamente ás necessarias averiguações, obtendo-se d'ahi a certeza de que o facto era verdadeiro. E não se dá aqui a fatalidade do acaso como nos *Maias*, não apparece o conhecimento da ligação fraterna depois de largo tempo de amores. Ao contrario, o irmão vive com a irmã debaixo do mesmo tecto, em casa de seus paes, acompanhando o seu crescimento, a sua passagem de creança para mulher, segue voluptuoso o desenvolvimento das suas formas, e quando a vê, emfim, bella perfeita e completa, violenta-a, e consegue arrastal-a comsigo para Lisboa, onde ha cerca de 20 dias, nasceu o fructo d'esses amores repugnantes e illicitos—uma pobre creança que, no futuro, para se não manchar com a infamia de seu pae terá de dizer-se filha de paes incognitos! Foi em Evora que se passou o primeiro acto d'este drama; o segundo, n'um quarto alugado n'um primeiro andar da rua de S. Lazaro. O irmão—aspirante de engenheiros—tinha de vir cursar a Escola do Exercito e conseguiu trazel-a para Lisboa. A pobre menina tem 20 annos, é muito formosa e extremamente sympathica. Lastima profundamente a sua sorte contra a qual, pela sua natureza fraca e timida, nunca teve força de luctar. O sr. commissario da 1.ª divisão, que, segundo parece, procedeu a serias e rapidas overiguações, de certo não abandonará este caso tão grave como repugnante.

— A junta militar de saude extraordinaria, reunida hoje no quartel general da 1.ª divisão, julgou incapazes de todo o serviço os srs. general de divisão João Pinto Carneiro, coronel de infanteria 12, José Maria Castello Branco, e o capitão de infanteria 4, Antonio Joaquim Santa Clara; e incapaz do serviço activo o sr. capitão de cavallaria 5 Joaquim Dias Frazão.

— Calcula-se que em dezembro cada um dos corpos do exercito, nas differentes armas, receberá mais 200 praças—tal é o numero de recrutas que deve entrar em serviço.

— Suicidou-se hontem á meia noite o aspirante de marinha Flabiano de Freitas, dando dois tiros no peito. Era um moço bem comportado e muito sério. Attribue-se o facto a ter ficado reprovado n'um exame.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

EDITAL

Manuel Firmino d'Almeida Maia, do conselho de Sua Magestade, antigo Deputado da Nação, Cavalleiro da Legião d'Honra e Governador Civil substituto, em exercicio, do districto de Aveiro, etc.,

FAÇO saber que dando-se n'este districto a hypothese do artigo 38 do decreto de 13 do mez corrente (*Diario do Governo* n.º 237), e usando da faculdade que me confere o § unico do mesmo artigo, prorogo até 13 de novembro proximo futuro o praso para a apresentação perante as camaras municipaes de petições de addiamento e dispensa a que se refere o artigo 42 da lei de 12 de setembro de 1887; devendo as camaras municipaes organisar e remetter ás Commissões de recrutamento as duas listas de que trata o § 3.º do mesmo artigo até ao dia 18.

As Commissões do recrutamento darão cumprimento ao disposto no § 4.º do citado artigo e enviarão até 23 do referido mez as listas informadas e respectivos processos ao tribunal administrativo do districto, para este poder deliberar como fôr de justiça até ao 1.º de dezembro proximo futuro.

E usando ainda da faculdade que me confere o artigo 38 do citado decreto, designo o dia 17 de dezembro para se proceder ao sorteio em todos os concelhos do districto.

As auctoridades e corporações a quem compete, darão cumprimento na parte respectiva ao presente alvará, tendo em vista as disposições legaes e regulamentares.

Dado no Governo Civil d'Aveiro em 19 de outubro de 1888.

Manuel Firmino d'Almeida Maia.

ARREMATAÇÃO

PELO Juizo de Direito da comarca de Aveiro, e cartorio de—Dias da Silva,—vão á praça no dia 4 do proximo mez de novembro por 11 horas da manhã, no Tribunal Judicial da comarca, os objectos seguintes penhorados na execução que a Fazenda Nacional move a José Filippe Gonçalves:

Uma corrente e medalha d'ouro, no valor de 24$000 reis;

Um relojio d'ouro, d'ancora, no valor de 27$000 reis;

Uma bolsa de prata, no valor de 2$330 reis;

Uma moeda de prata hespanhola de cento e vinte reis, no valor de cem reis;

Um porte-viagem de couro da Russia, no valor de 800 reis;

Uma pistola de dois cannos, no valor de 1$000 reis.

Pelo presente ficam citados quaesquer credores para assistirem á arrematação querendo.

Aveiro, 25 de Outubro de 1888.

O Escrivão

Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*A. Cortesão.*

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de nho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

A saude restituida a todos sem despezas nem emprego da medicina.

A ninguem esqueceu ainda o enthusiasmo com que o presidente Dupui disse em pleno Senado: «Para que precisamos nós das drogas se possuimos a deliciosa *Farinha de saude Revalesciére* a que nenhuma doença resiste?!»

Com effeito a Revalesciére tem effectuado curas verdadeiramente assombrosas, como se prova com milhares de certificados em que, entre outros, doentes notaveis como o fallecido Pio IX e S. M. o imperador da Russia, declaram dever á sua aplicação a cura de enfermidades desesperadas.

O celebre professor Déde, radicalmente curado de uma dyspepsia e de uma affecção catarrhal na bexiga, accrescenta no seu certificado:—«Se eu tivesse que escolher um remedio efficaz para qualquer doença, quer fosse do estomago, intestinos, nervos, figado, peito, cerebro ou sangue, não hesitaria um instante sequer em preferir a todas as drogas a Revalesciére—tal é a confiança que deposito nos seus resultados, que não tenho duvida em qualificar *infalliveis*.»

Mr. Henry Stanley, o grande explorador africano, rival de Mr. Brazza, nas explorações do Congo, escreveu da aldeia de Kaghaki, sobre o Congo, de Victoria Nyanza, em 1 de março de 1875:

«De volta d'uma caçada infructifera, causou-me réalmente dó a figura dos meus companheiros, e tanto que quasi desatei em lagrimas; mas resolvido a salval-os, preparei com a Revalesciére du Barry uma refeição para duzentos e vinte homens. Causava commoção ver o modo como os seus rostos se desanuviavam ao comer essa dôce farinha reparadora.»

Não é menos benefico o seu effeito sobre as creanças, como o demonstram as cartas que seguem:

«A minha pequena Maria, delgadinha-fraca e delicada, não prosperava quasi na, da com o leite da ama; decidi-me a dar-lhe a Revalesciére du Barry, o que a transformou rapidamente, tornando-a fresca, rosada e exabundante de saude.

Paris, 4 de julho de 1880.

G. de Montavaz.»

«Meu caro senhor:—Minha filha não conseguia digerir, nem dormir; soffria de insomnias, de fraqueza e irritação nervosa. Felismente recuperou a saude com o uso da sua Revalesciére chocolatada que lhe restituiu o apetite, a boa digestão, a tranquilidade dos nervos e do somno, bem como a alegria de espirito que de ha muito a abandonára

Porto, 11 de junho de 1886.

H. de Moutonts.»

Quatro vezes mais nutriente do que a carne, tendo além d'isso, a particularidade de não excitar, a Revalesciére custa cincoenta vezes menos que outros quaesquer alimentos ou remedios.

A Revalesciére prolonga a vida por mais 20 ou 30 annos e constitue sobretudo um alimento de primeira ordem para as creanças de peito, sendo em tudo preferivel ao leite.

40 annos de successo.

Em caixas de folha de lata, de um quarto de kilo, 500 réis; de meio kilo, 800 réis; de um kilo, 1$400 réis; de dois kilos e meio, 3$200 réis; de seis kilos, 5$400 reis.

DU BARRY & C.ª LIMITED

Depositos—Em Aveiro, F. E. da Luz Costa, pharmacia.

No Porto, Cassels & C.ª, 127, rua do Mousinho da Silveira.

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS DE DETHAN
Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.
PREÇO: 600 REIS.
Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, *Phie em PARIS.*

As pessoas que conhecem as
PILULAS DO DOUTOR DEHAUT DE PARIS
não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. e 2 fr. 50

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

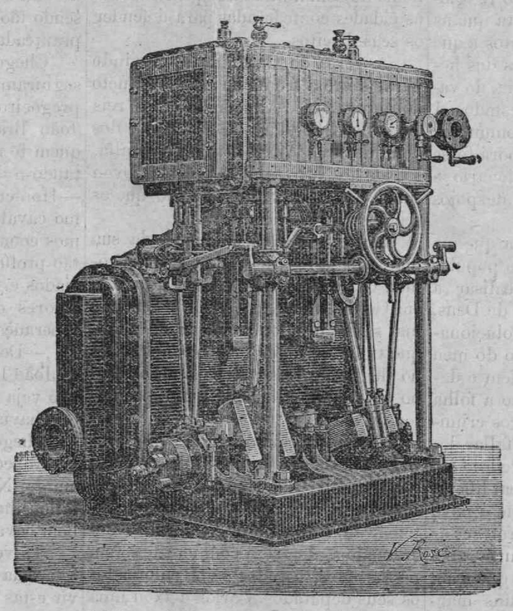
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Viscondeda Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar e ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

INJECTION BROU

Hygienica, infallivel e preservativa, a unica que cura, sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.

Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRÃOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos

Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigens, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*

Exigir os CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 COREs e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia LEROY.—Depositos em todas as principaes Phcias.

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.

Não tem rival.

E' a rainha das machinas.

As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR

Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: *Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta* e *Rheumatismo.*

ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR

AL IODURETO DE POTASSIO

Cura os accidentes syphilificos antigos ou rebeldes: *Ulceras, Tumores, Gômmas, Exostose*, assim como *Lymphatismo, Escrofulas* e *Tuberculose.*

Em Paris, Casa J. FERRÉ, Phcia, 102, rue Richelieu, 5 sr de BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Phcias.

200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE, INSOMNIA, CRISES NERVOSAS pelo XAROPE do Dr FORGET. Em todas as Pharmacias do Universo. Exija-se o endereço ao lado

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. pelo CITRATO DE FERRO CHABLE. Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o endereço ao lado.

É APROVEITAR

CASA LEÃO D'OURO

121, Rua Ferreira Borges, 127

COIMBRA

CAPAS E BATINAS DE PANO PRETO

A 9$000!!!

O proprietario d'esta bem conhecida casa incumbe-se de as mandar fazer por aquelle preço e d'ahi para cima, para o que recebeu um magnifico sortimento de panos pretos.

Continua a responsabilisar-se pelo seu bom acabamento.

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 10

EM virtude das ordens da 2.ª Repartição da Direcção da Administração Militar de 23 do corrente, o conselho administrativo do referido regimento, faz publico de que no dia 6 do proximo mez de novembro, se ha-de proceder á arrematação em hasta publica para a venda do eatrume produzido pelos cavallos do regimento, sendo o contrato por um anno.

As condições acham-se patentes no conselho administrativo.

Quartel em Aveiro 25 de outubro de 1888.

O secretario,

Fortunato Antonio Mendes d'Almeida.

Tenente.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravida, e amas de leite, pessoas idosas, creanças anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinalde Ribeiro Junior.

A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos, 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114, Porto

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

Codigo Commercial, approvado por carta de lei de 28 de junho de 1888 e seu reportorio alphabetico, encadernado	360
Brochado	240
ALBERTO PIMENTEL	
Atravez do passado	500
GUIOMAR TORRESÃO	
Almanach das Senhoras, para 1889	240
EÇA DE QUEIROZ	
Os Maias, episodios da vida romantica, 2 grossos volumes	2$000

LIVROS, MUSICAS E JORNAES

As pessoas que desejarem estar em dia com o movimento scientifico, litterario e religoso, nacional e estrangeiro, devem assignar a excellente revista sob o titulo

O MENSAGEIRO LITTERARIO

Esta publicação, além de duas secções—*scientifica* e *litteraria*, collaboradas por proeminentes escriptores, encerra uma outra *bibliographica*, na qual se encontram mencionados todos os livros e musicas que mensalmente vão apparecendo em Portugal, Brazil, Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Allemanha, etc., bem como as novas edições. Condições da assignatura:

Portugal, anno, 2$000 reis; seis mezes, 1$200 reis; Brazil, anno, (moeda fraca) 6$000; seis mezes, 3$600 reis.

Assigna-se na livraria de J. J. de Mesquita Pimentel, rua de D. Pedro, 51 e 53—Porto.

AS IRMAS DA CARIDADE

POR

H. C.

Acaba de publicar-se este folheto, que se vende na Administração d'este jornal.

Preço..... 100 reis

BAPTISTA DINIZ

OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

Preço..... 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE

ACABA DE SAHIR Á LUZ

DAVID DE CASTRO

A CARTEIRA DE SATAN

Novo manual de theurgia e prestidigitação, illustrado com 65 estampas explicativas

Volume... 800 reis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux—PORTO.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO